

Adriana P. Silva

*Eu Não
Te
Mereço*





Eu não te mereço.

Capítulo 1 – Vanita

É estranho quando começamos a pensar na vida que não teremos. Eu nunca havia pensado na morte, nunca havia pensando que essa coisa, tão abstrata pudesse chegar a mim, mas ela chegaria, estava avançando na minha direção, drenando minhas forças, levando-me para um abismo, um lugar vazio, sem gosto e nem sabores, somente a completa ausência de qualquer significado material.

Nunca fui uma grande espiritualista. Não acreditava em espírito, sim, digo no passado, porque quando você se depara com a morte, a ideia de paraíso e vida no além é mais atrativo do que se possa imaginar. Não tinha sentido que eu, com apenas trinta e oito anos, estava fadada a morte e ponto final. Tinha que ter algo mais, um proposito maior. E eu queria acreditar, cegamente, naquilo.

— A ressonância apontou essa pressão do lado esquerdo, infelizmente é uma área inoperável...

Inoperável. Ora, vamos lá! É século XXI! É claro que não existe nada que a medicina não possa curar! Acabamos com tantas pragas ao longo dos séculos, o que é um tumorzinho de nada?! Menor que uma bola de golfe? Tinha certeza que aquele médico, que parecia ter pego seu diploma na noite anterior, estava errado. Ele não sabia de tudo e eu encontraria uma resposta positiva para aquele problema. Tinha certeza que poderia encontrar em outras cidades, ou países, o tratamento que precisava.

— Jordana, nós precisamos...

— Obrigada pelo seu tempo, doutor – interrompi, voltando a enxergá-lo.

Doutor Gabriel cruzou seus olhos com os meus, me enxergando verdadeiramente. Era óbvio que ele nem percebera que eu não estava escutando-o. Mas agora ele me ouvia, me via, principalmente.

— Eu gostaria de lhe dar uma resposta melhor, mas eu não posso lhe enganar. Eu vou tomar a frente, procurar qualquer coisa

que possamos fazer. Em último caso, uma cirurgia de exploração, mas...

— Você não vai abrir minha cabeça para explorá-la — interrompi.

— É uma forma de aliviar a pressão do tumor e lhe dar alguns anos de vida.

— Agradeço sua dedicação — tornei a falar, estranhando minha própria voz. — Eu mantenho contato.

Por que diabos eu estava agradecendo a dedicação de alguém que me disse que estava à beira da morte? “Obrigada, doutor! Me sinto revigorada ao saber que só tenho mais seis meses de vida!” Que ele fosse à merda.

Saí do consultório e encontrei meu segurança e minha assistente me esperando. Segui em direção ao elevador e, em segundos, já estávamos na calçada, esperando o serviço de vallet. Coloquei os óculos escuros e me virei para Pâmela, minha assistente.

— Eu vou dar uma caminhada — comuniquei, sem esperar sua resposta.

— Jordana...

Não parei para escutá-la. Se me virasse, tinha certeza que a veria conversando alguma coisa com meu segurança, antes de me seguir sem rumo pelas ruas de São Paulo. Do Sírío Libanês, caminhei na direção da Rua Antônio Carlos, com o intuito de cair na Frei Caneca. Me lembrava, perfeitamente, de quando aquelas ruas eram minha segunda casa. Conhecia cada palmo de São Paulo, quando vivia a arte nas ruas, explorando cada faceta daquela megalópole. Eu tinha dezesseis anos, vivia intensamente cada segundo, como se a vida jamais fosse acabar. Minha arte ainda estava registrada em alguns pontos da capital paulista; depois do reconhecimento, alguns locais que havia pintado haviam sido restaurados e declarados patrimônio público. Eu iria partir, mas minha arte jamais morreria comigo.

A lágrima caiu pelo meu rosto sem que tivesse controle sobre ela. Não me apressei em secá-la. Era uma prova da minha humanidade, mesmo que vários críticos me chamassem de imortal. Como a uma tela, minha vida havia sido pincelada com várias

histórias, viagens, amores e dores. Não podia ser o fim, me recusava que aquele fosse o derradeiro fim. Era só um tumor, a medicina saberia como tratá-lo.

Ao chegar na avenida Paulista, intentei caminhar para o Masp. Tinha ido ali, duas semanas antes, quando uma exposição com minhas telas havia sido inaugurada. Na ocasião já sentia sintomas da doença, mas julgava apenas ser enxaqueca. Havia sido cumprimentada por autoridades e intelectuais, críticos de arte e populares. Uma noite perfeita, onde tinha que sorrir polidamente e tomar goles de champanhe, ignorando os sinais que meu corpo estava me dando. Se eu tivesse consciência de que tinha somente mais seis meses de vida, qual seria minha reação? Sorriria, despreocupada, ou os alertaria para tirarem quantas fotos pudessem, visto que seria uma das minhas ultimas exposições em vida? Não é à toa que dizem que a ignorância é uma benção.

Estava quase alcançando o prédio do Masp, perdida em minhas próprias lamentações, quando o enxerguei pela primeira vez. O garoto não parecia ter mais que quinze anos e estava sentado em um banquinho, com um cavalete à sua frente, com dois pincéis, um em cada mão, concentrado na tela. Um sorriso saudoso passou em meus lábios. Já tinha montado meu cavalete na Paulista, certa feita, e pintado a Casa das Rosas, buscando traduzir um ar da *Belle Epoque* num caos contemporâneo. Era uma tela muito elogiada e estava exposta na embaixada brasileira em Paris. Deixei as divagações de lado e me aproximei do garoto, para conhecer seu trabalho.

Dei um sorriso, satisfeita com minha decisão de ir ver a pintura. O quadro não estava finalizado, mas era obvio o dom do garoto, as pinceladas precisas, com uma coordenação motora impressionante. Tirei os óculos escuros e estreitei os olhos, prestando atenção nos detalhes: Ele estava pintando a própria avenida Paulista, com transeuntes e carros no congestionamento, um céu carregado com pesadas nuvens cinzas. O que mais me chamou a atenção foi o rosto das pessoas: todas tinham a mesma feição: desespero.

— Excelente trabalho – falei chamando sua atenção.

— Obrigado – respondeu, sem olhar para mim.

— Me fale um pouco sobre o quadro – pedi. – Já lhe deu um nome?

— Fome.

— Gostaria que me explicasse.

— Todas as pessoas estão sempre com fome, com uma carência de algo que podemos encontrar se olharmos ao redor, mas em nosso próprio desespero sempre nos concentramos na nossa fome e não no alimento, em pequenas porções, que nos é servida todos os dias em pequenos detalhes que não enxergamos.

— Qual a sua idade? – perguntei, impressionada com sua resposta.

— Quatorze anos.

— Onde aprendeu a pintar assim?

— Não sei, na vida.

Outro sorriso me escapou aos lábios. Nunca fui espiritualista, mas seria capaz de apostar que aquele garoto poderia ser, muito bem, a reencarnação de algum pintor renomado que já havia estado entre nós.

— Olha pra mim – pedi, forçando sua atenção.

O garoto se virou, com enfado, na minha direção.

— Jordana Espinoza! – exclamou espantado. – Caralho!

A expressão de enfado foi embora, sendo substituída por empolgação.

— Eu vi na internet que está fazendo uma exposição no Masp! Que honra ter meu desenho elogiado por você!

— Você tem um talento impressionante – respondi com sinceridade, enquanto ele se levantava do seu cavalete. – Tem leveza, sutileza, mas ao mesmo tempo traduz um peso muito intenso. Continue pintando assim, com toda a certeza, você tem futuro! Qual seu nome?

— Fabiano. Obrigado!

— Essa daqui é minha assistente, Pâmela. Ela vai lhe passar um número de telefone, quando o quadro estiver finalizado, passe o preço para que ela possa vim buscar.

— De maneira nenhuma! É uma honra que fique com um quadro meu!

— Valorize seu trabalho, Fabiano. Me passe o valor e ela virá buscar.

— Tudo bem.

Me despedi do garoto, não antes de tirar uma foto com ele, e continuei meu caminho até o museu. Minha intenção era entrar e me lamentar na frente do meu trabalho, mas ver um jovem como Fabiano, havia me dado ânimo. Nem tudo estava perdido. Sempre existia um novo talento para substituir um antigo.

Pedi que Pâmela chamasse o carro e esperei por cinco minutos até que já estivesse acomodada no veículo, em direção à minha casa. Entrei no apartamento e segui para o estúdio, olhando para a tela inacabada. Peguei um copo de uísque e um cigarro, antes de me sentar de frente a ela, admirando-a. Era uma Vênus e, depois daquela tarde, não conseguia nem me lembrar do porquê estava pintando-a.

— Quando quiser conversar, Jordana, eu estou aqui – falou Pâmela, diante do meu insistente silêncio.

— Tenho um tumor inoperável no cérebro – respondi como se estivesse falando sobre uma coisa banal. – Minha expectativa de vida é de seis meses.

— O que?! – ela repetiu como se não tivesse entendido. – Como assim?!

— As dores de cabeça têm um porquê. É um tumor.

— Meu Deus, Jordana! E não tem nada que possa ser feito? – perguntou, consternada se sentando na minha frente.

— Tem. Não me olha com essa cara de pena.

— Desculpa, não quis...

— É só a morte do meu corpo. Me tornei uma imortal.

— Você vai buscar uma segunda opinião, não vai?

— Vou. Inclusive já pode providenciar isso. Vamos para os Estados Unidos. É chegada a hora de mexer no meu fundo emergencial.

E nós fomos. Passei os dois meses seguintes, em busca de um tratamento. Dos Estados Unidos até Coréia do Sul, o diagnóstico era sempre o mesmo: região inoperável, a não ser para exploração, uma tentativa vã de prolongar mais dois ou três anos de vida. Médicos de diferentes nacionalidades, grandes especialistas, não

me deram a resposta que quis ouvir, que busquei incansavelmente. Nesse período, e com a consciência do tumor, senti meu corpo sucumbir. Estava rendida ao destino: agora só me restava quatro meses de vida. Poderia passá-los me lamentando, ou poderia dar um rumo diferente na minha história. Finalizá-la com um capítulo triste ou encerrá-la com chave de ouro. A escolha era minha.

— Vamos voltar para casa – anunciei para Pâmela, quando saí do hospital em Seoul. – Quero morrer na cidade onde me criei.

— Vou providenciar nossa viagem – concordou. – Deseja algo mais?

— Marque com o advogado para a próxima segunda, vou fazer meu testamento.

— Ok.

A viagem de volta ao Brasil foi longa e cansativa. Havia emagrecido, consideravelmente e não tinha mais a costumeira vivacidade em meus olhos esverdeados. A aceitação da morte já estava ganhando forças, então o que me restava era me organizar para morrer em paz.

Assim que entrei no apartamento, segui para um banho demorado e, depois, fui para o estúdio. Peguei uma tela em branco e a posicionei no cavalete, pensando no que iria pintar. A mente logo me trouxe uma Vanita, mas não estava disposta a pintar algo tão relacionado com meu estado atual. Preparei minha paleta de cores e deixei o pincel deslizar aleatoriamente sobre a tela, tingindo-a com meus mais profundos medos acerca da morte. Deixei que todo o desespero que sentia viesse à tona, borrando minha visão por causa das lágrimas, o branco com as cores que me afligiam, a dor que carregava na alma sendo transmutada na pintura. Ao fim de cinco horas me sentei em um canto do estúdio, abraçando as pernas, prometendo a mim mesma que aquela era a última demonstração de autopiedade. Era o fim e, tudo o que podia fazer, era algo útil com meus últimos dias na terra.

— Pâmela – chamei com um grito.

Não demorou um minuto inteiro para ela aparecer.

— Oi Jordana.

— Aquele menino, Fabiano, ele mandou o quadro?

— Mandou. Está no seu escritório – respondeu, olhando para a tela que acabara de pintar. – Uau! Está pronto?

— Já assinei – respondi com a informação que devia bastar.

— Vou mandar uma foto para Munhoz.

Concordei com um aceno de cabeça e sai do estúdio, em direção ao escritório. O quadro do jovem rapaz estava posicionado em um cavalete, para minha apreciação. Peguei um uísque e um cigarro, antes de me sentar diante da pintura e ser absolvida por ela. De fato, um jovem com muito talento. Enquanto admirava a tela, um problema me trouxe à realidade: não possuía herdeiros, ninguém a quem repassar meu conhecimento, minha arte. Nunca havia aceitado alunos, nunca havia permitido que outros vissem meu processo criativo. Meu egocentrismo nunca havia dado brechas para ninguém e, agora, já tarde, percebia meu erro.

— Pâmela – chamei uma segunda vez.

— Oi Jordana.

— Vamos sair.

Meia hora depois, descia no mesmo ponto onde havia encontrado o garoto, a primeira vez. Para minha decepção, Fabiano não estava ali. Passei a mão no cabelo, frustrada.

— O telefone em que acertou o quadro com Fabiano, você ainda tem ele? – perguntei a Pâmela.

— Não, me desculpe. Eu apaguei.

Balancei a cabeça em sentido positivo, mais frustrada ainda. Nem podia culpar Pâmela, afinal, já tinham se passado dois meses. O que me restava era ir, novamente, no dia seguinte no mesmo lugar com esperança de encontrá-lo.

Capítulo 02 - Savant

Mais uma vez saí de casa, com destino a Avenida Paulista. Marcelo, meu segurança, e Pâmela, entabularam uma conversa no banco da frente, a respeito dos filhos e eu segui muda, imersa em meus próprios pensamentos. Torcia para que Fabiano estivesse lá, não tinha muito tempo, literalmente, e cada dia a menos contava muito. Talvez devesse ter dado ouvidos ao primeiro médico, se naquela ocasião tivesse pensado um pouco mais, já poderia ter iniciado o jovem artista como meu aluno. O fato dele ser meu pupilo já lhe garantiria portas abertas para avaliações e seu talento somaria para que se tornasse um nome de peso no meio artístico. Se tinha algo que a maioria apreciava, era uma mente jovem e criativa.

Desci do veículo no mesmo ponto, com a decepção já me fazendo companhia. Fabiano não estava lá. Passei a mão no cabelo, desconcertada. Como faria para encontrá-lo?

— Acho que ele não é um artista fixo em um único ponto – falei para Pâmela, ao meu lado. – Deve procurar as paisagens que pinta.

— Provavelmente.

Olhei ao redor e avistei uma banca de jornal. Andei até ele e cumprimentei o homem por detrás da vitrine de doces.

— Bom dia. Talvez você possa me ajudar, meses atrás tinha um jovem pintor aqui, Fabiano seu nome. Estou procurando por ele.

— O menino que pinta paisagens?

— Isso mesmo! O senhor o conhece?

— Conversei bastante com ele. Muito raro ele aparecer por aqui. A última vez tem umas três semanas. A mãe dele pegou ele no pulo e deu uma bronca danada!

— Você não sabe onde eu posso encontrá-lo?

— Não sei. Ele aparece por aqui, quando consegue fugir da mãe, pinta bastante depois que consegue vender um quadro vai embora. Ele vende os quadros só para conseguir dinheiro para comprar outras telas e tintas. Foi o que me disse. Comprei um dele a primeira vez.

— Quando ele voltar a aparecer, pode entregar meu cartão, por favor?

— Posso sim. Posso entregar pra mãe dele também. Todo dia ela passa aqui a caminho do trabalho.

— Ela trabalha por aqui? – perguntei entusiasmada.

— Sempre passa com o uniforme do Pro Mater. Deve ser enfermeira lá.

— Você não saberia me dizer o nome dela, não é?

— Vitória. Tava escrito no crachá.

— Não faz ideia do quanto me ajudou! Muito obrigada!

— Você quer um quadro dele?

— Não, quero torná-lo imortal – respondi com um sorriso, para sair em seguida.

Pâmela, ao meu lado, tentou acompanhar meus passos em direção ao hospital indicado pelo dono da banca de jornal. Não proferi uma palavra, mas minha mente trabalhava em ritmo acelerado. Era até bom que já falava com a mãe do garoto, uma vez que ele tinha só quatorze anos. Me evitada dor de cabeça com mães neuróticas depois.

Assim que cheguei no hospital, segui em direção à recepção e pedi para falar com a enfermeira Vitória. Fui indicada para o andar da UTI neo natal e, assim que desci na recepção, me identifiquei para a enfermeira atrás do balcão.

— Meu nome é Jordana Espinoza. Quero falar com a enfermeira Vitória, por favor.

— Nós temos duas enfermeiras com esse nome no andar hoje. Sabe o sobrenome?

— Não, infelizmente. É sobre o filho dela, Fabiano.

— Ah, meu Deus! O menino já aprontou de novo? Onde ele está hoje? Aposto que foi para a Paulista! Já vou chamar ela, espera um minuto...

A mulher se afastou sem que eu tivesse chance de falar que não fazia ideia do paradeiro de Fabiano, que na verdade, tentava encontrá-lo. Demorou quatro minutos para que uma jovem aparecesse, apressada, carregando uma bandeja de medicações.

— Oi, você que veio por causa do Fabiano? Ele aprontou alguma coisa?

— Vitória? – perguntei bobamente, encarando seus olhos castanhos amendoados.

— Sim, seu nome é Jordana, não é? Fabiano está ficando fora de controle. O que aconteceu? Eu vou buscá-lo, vou pedir uma pausa...

Vitória continuou falando sem parar, mas eu não estava ouvindo-a. Estava hipnotizada pelos seus olhos preocupados, mas que transmitiam uma ternura ímpar, suas feições delicadas, quase angelicais. Automaticamente me lembrei da Vênus inacabada no meu estúdio, e seu rosto transmutou para a pintura, deixando-a completa.

— ... Você tirou uma foto com ele...

— Desculpe – interrompi. – Eu não estava te ouvindo.

Vitória se calou, talvez confusa com minha sinceridade. Dei um passo para frente, analisando cada linha de seu rosto, sua perfeita simetria.

— Algum problema?

— Você é linda! Uma modelo perfeita para uma pintura clássica!

— Ah você é artista também, não é? – perguntou, recuando o passo que eu havia dado em sua direção.

— Sim, me desculpe pelo meu jeito abobalhado – respondi sorrindo, voltando a me recompor. – Meu nome é Jordana Espinoza, sou pintora. Conheci o trabalho de Fabiano meses atrás, enquanto ele estava pintando na Paulista. Seu quadro está no meu escritório.

— Ele me disse. É uma pintora famosa.

— Reconhecida – corrigi. – Meu intuito é ter Fabiano como meu aluno. Com sua permissão, gostaria de ensinar a ele técnicas que aprendi ao longo dos anos, apresentá-lo aos críticos de arte. Seu filho tem um talento extraordinário!

— Estou tentando controlar Fabiano. Ele sempre sai escondido para pintar algo, falta a escola, é muito imperativo. Eu já tentei buscar tratamento para ele, com psicólogos, mas todos me dizem que ele é um garoto com uma inteligência acima do normal, não se encaixa como TDHA, já me disseram que pode ser uma variação rara de autismo, eu não sei...

— Um Savant – interrompi com um sorriso. – Eu não o conheço bem, então é apenas um palpite.

— Em resumo, é uma criança especial, não sei se seria o tipo de aluno que gostaria de ter. Também a questão do preço, uma aula com você deve ser bem cara, o pai dele e eu...

— Não vou cobrar. Quero deixar meu legado para alguém com um talento excepcional e seu filho se encaixa perfeitamente no perfil.

— Nós podemos conversar sobre isso com mais calma? Eu estou no meio do plantão agora.

— Certamente. Que horas termina seu plantão?

— Às sete horas da noite, mas...

— Estarei te esperando ali, naquele sofá – aponte com um sorriso.

— Eu não disse...

— Eu estou com um pequeno problema de tempo, se puder me ajudar nessa parte, eu agradeço. Pense que é uma oportunidade única para mudar a vida do seu filho e a sua. Pesquise meu nome, saberá do que estou falando.

Vitória me encarou por longo segundo, analisando meu rosto com seus belos olhos amendoados. Se estivesse chapada, seria capaz de beijá-la naquele momento, mas a sobriedade me manteve impassível diante de sua análise.

— Ok, te espero na saída.

Concordei com um aceno, antes de dar as costas em direção ao elevador. Pâmela ainda entregou meu cartão para Vitória, antes de acompanhar. Antes que a porta de metal se fechasse, a olhei uma última vez, acenando em sua direção.

— Será que ela é mãe dele mesmo? – perguntei, mais para mim do que para Pâmela.

— Jovem, não é? Deve ter uns trinta anos, no máximo.

— Deve ter ficado grávida na adolescência.

— Provavelmente.

— Vamos para casa, voltaremos a noite.

Pâmela anuiu e eu voltei a imergir em meus próprios pensamentos. Será que Vitória aceitaria, algum dia, posar para mim?

De volta ao apartamento segui direto para o estúdio. Puxei a Vênus inacabada para o meio da sala e tirei o lençol que a cobria.

Peguei um uísque e um cigarro para contemplá-la, enxergando-a completa, com o rosto de Vitória. Assim que terminei a bebida, joguei a bituca no cinzeiro e tirei a camisa, ficando apenas com o top. Preparei minha paleta de cores e fechei os olhos, lembrando de cada detalhe do rosto de Vitória. Ao torná-los abrir, apenas segui a imagem, já formada na minha frente.

Pontualmente, às sete horas da noite, saí do elevador no andar Neo Natal no hospital Pro Mater. Fui para o sofá e me sentei, esperando por Vitória. Com quinze minutos de espera, me preocupei com o fato de ela já ter saído. Pâmela tomou a frente, indo se informar na recepção.

— Ela está cuidando de uma emergência com um recém-nascido.

Assenti, aliviada por ela ainda estar ali. A verdade é que minha ansiedade já nem se baseava mais no fato de querer Fabiano como meu pupilo, mas sim em encontrar sua mãe, mais uma vez. Depois de meia hora, Vitória apareceu na recepção, ainda com o uniforme. Sua feição era quase de exaustão.

— Desculpe, tive uma emergência agora, não consegui passar o plantão dentro do horário.

— Está tudo bem. Não tenho outro compromisso que não seja você.

— Seria indelicado se conversarmos aqui mesmo?

— Seria. Se não se importar, posso te levar para casa.

— Estou indo para outro plantão. Entro no Beneficência às dez horas.

— Você não descansa?

— Sou mãe solteira, não sei o que é descanso.

— No Beneficência aqui da Vinte e Três de Maio?

— Sim.

— Eu te levo. No caminho paramos em algum lugar, jantamos e depois te deixo no hospital. Ainda é oito horas da noite.

— É difícil te falar um não, não é? – falou com um sorriso.

— É – respondi, automaticamente. – Vai se trocar, eu espero.

Vitória assentiu, ainda sorrindo e sumiu das minhas vistas. Me virei para Pâmela, ao meu lado que me olhava intrigada.

— O que foi?

— Tudo isso é pelo Fabiano?

— Não, definitivamente, não.

Voltei a me encostar contra o sofá, com o sorriso ainda permeando meus lábios. Desde o diagnóstico, eu pouco tinha motivos para sorrir, nenhum motivo, aliás. Era uma sensação boa, a expectativa, a ansiedade, o suor frio que, discretamente, brotava em minhas mãos. Era um flerte infundado, a mulher talvez fosse hetero, mas ainda assim era um motivo, um pequeno motivo que me fazia esperar por algo, um pequeno instante que ficasse marcado nas poucas semanas que ainda tinha.

Vitória apareceu depois de dez minutos. O uniforme sisudo havia sido trocado por uma calça jeans e uma blusinha florida. Os cabelos castanhos claros estavam soltos, caindo em ondas sobre os ombros. Tenho certeza que meu sorriso seria capaz de iluminar toda a recepção, caso tivesse brilho.

— Bom, podemos ir.

— Vamos. Algum lugar em especial que queira jantar?

— Não. Pode ser só um lanche, não...

— É um convite – interrompi.

— Se é um convite, deixo por sua escolha, então.

— Tudo bem – concordei. – Na alameda Santos tem um barzinho chamado The View, um lugar muito confortável e aconchegante. Excelente comida e excelente vista. Não exatamente que eu vá precisar de outra vista.

— Estamos indo conversar a respeito de aulas de pintura para Fabiano mesmo? – perguntou Vitória com um semblante desconfiado.

— Sim, mas sempre é bom juntar o útil ao agradável.

— E eu sou que parte? Útil ou agradável?

— A agradável.

— Ok. Eu devo estar maluca mesmo. Vamos.

— Pâmela, obrigada por seus serviços hoje – falei ao me virar para minha assistente. – Avise Marcelo que estamos descendo, você pode ir para casa.

— Vou jantar com Munhoz. Tenham uma excelente noite. Nos vemos no apartamento mais tarde.

Como de costume, quando pedia privacidade a Pâmela, ela se dirigiu para a escadaria e eu segui para o elevador ao lado de Vitória. Levou um longo minuto de silêncio constrangido antes que ela o quebrasse com uma pergunta.

— Pâmela é o que sua?

— Minha assistente. Costumo dizer que é minha babá.

— Ok. Então, vamos ao nosso assunto em comum, meu filho. Como você o encontrou?

— Estava saindo do médico, ia para o Masp onde tem uma exposição com minhas obras. Eu o vi concentrado no cavalete, pintando com as duas mãos, me aproximei para ver o seu trabalho e fiquei fascinada. Pedi para comprar o quadro que ele pintou aquele dia, está em minha casa.

— Ele chegou todo empolgado aquele dia, disse que tinha sido elogiado por uma “artista foda” – falou fazendo sinal de aspas com os dedos. – Me mostrou a foto de vocês, ficou todo feliz.

— Ele tem um talento extraordinário. Nunca tinha visto alguém tão jovem pintar como ele. É um dom.

— Minhas paredes que o digam. Ele treinava nelas quando pequeno – sorriu Vitória.

— É bom estimular que ele continue a pintar. Pode se tornar um imortal. De minha parte farei de tudo para que ele siga uma carreira de sucesso.

— Fabiano é uma incógnita pra mim. Tive que aprender a lidar com o jeito dele desde pequeno. Começou a falar mais cedo que as crianças normalmente falam, é muito inteligente. Na escola, mesmo faltando muito, suas notas são sempre boas.

— Ele aprendeu a ler com que idade? – perguntei, saindo do elevador em direção ao carro.

— Com dois anos. Ele já ia para a escolinha porque eu tive que começar a trabalhar para cuidar dele. Um dia a professora me chamou na escola, me mostrou como ele se relacionava com os livros infantis. Ele ficava olhando, fascinado pelos desenhos, e já apontava as letras e os números, sabendo distinguir cada um. Com três anos já lia frases completas. E pintava minhas paredes.

— É interessante que você o leve para um psicólogo que tenha alguma especialização em crianças superdotadas. Seu filho pode se

encaixar nessa categoria. Já fez algum teste de Q.I?

— Não. Já me indicaram, o psiquiatra do hospital que trabalho disse para fazer isso também. Estou esperando ele crescer mais, mas acho que vou ter que ir atrás de qualquer jeito. Você acredita que ele mata aula para ir pintar? – perguntou ao entrar no veículo. – Monta o cavalete dele em qualquer lugar e se perde. Tenho medo de que ele se meta em alguma encrenca.

— A arte não vai trazer encrencas pra ele. Não tem com que se preocupar. Ele é um garoto raro, muitos matam aula para ficarem à toa, ele não, ele se dedica a algo. Quando comecei a pintar, com quinze anos, eu ia pras ruas também. Pintava muros, qualquer coisa que pudesse expressar minha arte. Rodei muito pelas madrugadas com minhas latas de tintas.

— Como você se tornou reconhecida?

— Um dia estava pintando um muro de uma casa, aí o morador saiu e eu me afastei, com medo de levar uma bronca. Ele segurou minha mala de tintas e pediu para que eu terminasse a pintura. Passamos a noite conversando enquanto pintava. Ele me deu um cavalete e uma tela, pediu que fizesse algo e levasse para ele. Dois dias depois, descobri que ele era um crítico de arte. Desde então, trabalhamos em conjunto. É o Munhoz que Pâmela foi encontrar.

— Que bacana. Eu pesquisei seu nome, já fez exposições em vários países, seus quadros tem uma boa avaliação. Por isso, aqui vai o meu receio, eu não quero iludir Fabiano. Não quero falar pra ele que você vai orientá-lo e depois sumir.

— Não vou fazer isso. Eu vou me dedicar para que ele tenha uma carreira de sucesso. É meu compromisso.

— Por que está fazendo isso?

— Não tenho filhos, não tenho família. Eu quero deixar meu conhecimento para alguém, não quero que vá comigo para um túmulo. Ele tem capacidade de absorver isso.

— Você diz como se fosse morrer amanhã – riu. – Ainda tem tempo para pensar nisso.

Encarei Vitória por um longo minuto, com um sorriso congelado em meus lábios. Não tinha tempo, estava condenada, mas não deixaria ela saber. Não queria seus olhos amendoados voltados para mim com pena.

Capítulo 03 - Pertencimento

Desci na frente do prédio, onde funcionava o barzinho escolhido por mim, e pedi que Marcelo voltasse quando lhe mandasse uma mensagem. Segui ao lado de Vitória em silêncio, até o elevador e em questão de minutos, já estávamos acomodadas em uma mesinha na parte externa do bar, apreciando a paisagem de São Paulo.

— É um lugar lindo – ela falou, me presenteando, mais uma vez, com seu sorriso.

— Eu gosto daqui. Gosto de sentar em uma mesa dessas e ficar divagando em pensamentos, me faz fugir da realidade.

— Acho que é uma coisa comum, artistas como você, sempre querer fugir da realidade.

— Às vezes é preciso – respondi evasiva, me virando para o garçom. – Um cowboy pra mim. Você vai querer o que?

— Um coquetel, sem álcool.

Voltei a me virar para Vitória, assim que o garçom se afastou com nosso pedido.

— Me fale de você. Qual sua história?

— Bom, nada emocionante. Nasci e cresci em São Paulo, na zona leste, com dezesseis anos fiquei grávida do Fabiano, com dezoito comecei a trabalhar para criá-lo. Fiz um curso de técnica de enfermagem com vinte e dois anos, me especializei em cuidados de recém-nascidos. Desde então, trabalho com isso. Vai fazer sete anos.

— Você tem trinta anos – calculei, tolamente.

— Sim.

— E o pai do Fabiano?

— Um zero à esquerda. Não ajuda em nada na criação dele, a não ser que eu apareça com um processo de pensão. É um dinheiro que deixo pra ele comprar suas tintas e telas.

— Vocês mantem um contato amistoso?

— Não. Ele é casado atualmente, a atual esposa não parece ir muito com a minha cara, Fabiano também não gosta dela.

Mantemos o contato somente o necessário para o bem do Fabiano.

— Entendo. Tem alguém no momento?

— Não. Não tenho tempo para romances. Trabalho em dois empregos para conseguir pagar o aluguel, colocar comida na mesa, despesas com Fabiano. Quando tenho folga, tenho que cuidar da casa, ficar com meu filho. Não é uma vida glamurosa.

— É uma vida de uma guerreira. Admiro muito a força e a coragem de mulheres que são pai e mãe, conseguem sustentar uma casa sozinhas. Vocês possuem uma força extraordinária.

— Obrigada, mas nem sempre consigo ser forte o bastante, ainda mais tendo um filho especial como Fabiano. Requer uma dose a mais de atenção. Às vezes desmorono.

— Ninguém te ajuda?

— Minha mãe fica de olho nele. Moramos na mesma rua, mas ninguém, nem mesmo vó, consegue suprir a presença da mãe.

— Acredito. Não pensou em se relacionar com alguém novamente?

— Meu último relacionamento foi há três anos. A pessoa em questão era um pouco complicada, não deu certo.

— Homem ou mulher?

— Você é bem direta – riu Vitória, se afastando para que o garçom colocasse nossas bebidas. Ela esperou que ele já estivesse longe da mesa para voltar a falar. – Era uma colega de trabalho. Foi minha primeira experiência com mulheres, mas ela ainda estava apegada a ex, não deu certo.

— Sempre tem uma ex.

— E você?

— Sou solteira. Meu último relacionamento foi com uma modelo italiana, quando morava na Itália, mas ela era mais maluca que eu, então não engatamos.

— Há quanto tempo está solteira?

— Um ano, desde que voltei para o Brasil.

— Por que voltou?

— Aqui é minha casa. Não me vejo em outro lugar no mundo que não seja aqui.

— Pertencimento.

— Basicamente. Não escolheria outro lugar que não fosse a cidade que me abraçou, em primeiro momento.

— Você quer mesmo orientar Fabiano?

— Quero. E posso afirmar isso sem estar sugestionada, visto que conheci o trabalho dele primeiro.

— Como assim?

— Não estou fazendo isso porque conheci a mãe gata dele primeiro, e sim, porque conheci o talento dele primeiro.

Vitória deu um discreto, e delicioso, riso ao encarar meus olhos.

— Você é sempre tão direta assim?

— Não gosto de perder tempo. Não tenho muito também para perder.

— Isso me deixa lisonjeada, fato, mas não seria bom misturar as coisas. Se você realmente for dar aulas para Fabiano, será a professora dele.

— Gosto mais da palavra mentora. No mais, podemos sempre usar aquele velho clichê de professora e mãe de aluno. Me deixa te conhecer um pouco mais?

— Jordana, isso é... Quero dizer...

— Não é um pedido de namoro, só quero a chance de te conhecer um pouco mais.

Vitória me encarou por um longo minuto, perscrutando meu rosto. Deixei minha mão escorregar sobre a mesa, para pegar a sua, apoiada ao lado do copo. A acariciei lentamente, enquanto ela parecia duelar com uma decisão.

— Podemos nos conhecer melhor – ela respondeu, por fim, ao cruzar seus dedos com os meus. – Não posso negar que você também me deixou desconcertada quando apareceu no hospital hoje.

Abri um sorriso com sua resposta. Era um pequeno passo que dava em rumo a algo desconhecido, naquele momento em que certezas brutais devoravam minha alma. Mudei de cadeira para me sentar mais próxima a ela e deixei minha mão ir pousar em seu rosto. O acariciando lentamente.

— Você é tão linda – falei me aproximando lentamente. – Não me cansaria de ficar te admirando por horas.

— E você uma galanteadora à moda antiga – ela respondeu, também acariciando meu rosto.

Nossas bocas se encontraram, receosas, tímidas, conhecendo-se lentamente. Ao beijá-la sentia meu corpo entrar em estado êxtase, provando seus lábios bem sincronizados com o meu, em uma dança lenta e sensual. A maciez da sua pele sob a palma da minha mão, seu perfume entorpecendo meus sentidos. Era uma volta no paraíso, depois de meses no inferno.

Me afastei para fitar seus olhos e fui presenteada por um brilho diferente neles. Tinha certeza que meus olhos, antes opacos, brilhavam da mesma forma. Passamos a hora seguinte daquela forma, imersas em uma bolha de novidades, descobertas. Quando a deixei na frente do hospital, já próximo do seu horário de entrada, tinha certeza de duas coisas: eu a queria incontrolavelmente e, mais do que isso, eu queria viver com ela.

Vitória desceu do carro e ainda acenou uma última vez, antes de entrar pela portaria do hospital. Fiquei olhando-a até que sumisse das minhas vistas e me encostei contra o banco, pedindo que Marcelo guiasse para casa. Lágrimas desceram pelo meu rosto, sem que tivesse controle sobre elas, sem nem ao menos saber o motivo pelo qual eu as derramava. Assim que cheguei no apartamento, fui direto para o estúdio e me sentei no escuro, observando a cidade iluminada a perder de vista. O celular tocou com uma mensagem dela, me desejando boa noite. Combinei o horário em que ela viria até minha casa com Fabiano, no dia seguinte, e nos despedimos, depois de duas horas de namoro juvenil pelo telefone. Será que valia a pena, já com a sentença de morte assinada?

No dia seguinte, acordei com uma ansiedade anormal. Pâmela percebeu meu estado de espírito, mas não fez perguntas. Passei a manhã inteira rodando pelos cômodos até que o relógio marcou duas horas da tarde, horário em que havia combinado com Vitória. Autorizei sua entrada na portaria e fiquei andando de um lado para o outro, até que Pâmela viesse me falar que ela havia chegado.

Entrei na sala e minha ansiedade desapareceu como mágica, ao ver Vitória ao lado de Fabiano. Me adiantei para cumprimentá-los.

— Oi! Que bom que vieram – falei ao depositar um beijo no seu rosto, acariciando suas costas discretamente. – Oi Fabiano!

— Oi Jordana – respondeu o garoto ao me cumprimentar. – Minha mãe falou que você gostou mesmo do meu quadro.

— Eu fiquei impressionada – respondi indicando o sofá para ambos. – Quero te tornar meu pupilo.

— Você aceita mesmo me dar aulas? – perguntou empolgado.

— Desde que você aceite minhas orientações. Você já é um artista, precisa apenas de um pequeno direcionamento.

— É claro que eu quero! Eu posso, né, mãe?

— Pode, por isso estamos aqui.

— Bom, vou explicar como tudo vai acontecer. Vou te mostrar técnicas de pintura, estilos de arte, vamos conhecer algumas exposições, história da arte. Tenho certeza que vai conseguir absorver tudo com rapidez.

— E quanto aos dias? – perguntou Vitória – Como pretende fazer?

— Todos os dias, se possível. Quero fazer isso em três meses.

— Caralho! Sou aprendiz de Jordana Espinoza!

— Meu jovem e talentoso aprendiz! Vamos conhecer meu estúdio, sua segunda casa a partir de hoje.

Estiquei a mão para Vitória e ela aceitou que eu a conduzisse pelo corredor, até meu estúdio de pintura. Durante o curto percurso, a acariciei discretamente, trocando sorrisos bobos. Abri a porta para que Fabiano pudesse passar e sorri, satisfeita, pela cara do adolescente. Parecia que ele havia entrado em uma loja de doces.

— É aqui que tudo ganha forma... – ele falou baixinho, analisando cada canto do meu estúdio.

Fiquei parada ao lado de Vitória, esperando que Fabiano conhecesse todo o estúdio. O garoto andou devagar, olhando para os quadros, dispostos em cavaletes e nas paredes. Se deteve diante da vênus.

— Minha mãe? – perguntou com uma caretinha.

— Eu? – Vitória perguntou, se virando para mim.

Ainda segurando sua mão, a puxei para ver o quadro que havia terminado no dia anterior. Fiquei assistindo a reação de seu rosto, ao enxergar a pintura a quem tinha dado sua face. A primeira

reação foi a boca aberta em formato de “o”, se convertendo em uma curva para o sorriso.

— Uau! Você me pintou.

— Ontem, depois que saí do hospital – confirmei.

— É um quadro lindo! Que talento! Como conseguiu, sem uma foto de direção?

— Tenho memória fotográfica.

— Uau! Ficou incrível! Parabéns!

— Ele estava parado há dois meses. Quando vi seu rosto ontem, a inspiração veio na hora.

Vitória se virou para me enxergar, com as faces ruborizadas. Parecia ainda mais linda do que me lembrava. Segurei a vontade de beijá-la por causa da presença de Fabiano.

— Vocês querem que eu saia? – perguntou o garoto, ainda fixado na pintura.

Vitória balançou a cabeça, ficando ainda mais vermelha e mordendo o lábio inferior. Ela não estava contribuindo em nada para o meu autocontrole.

— Eu vou mostrar o seu quadro para a sua mãe – falei já puxando Vitória para a porta. – Fique à vontade. Ali, naquela bancada, está meu material. Dê uma olhada para conhecê-lo.

— Sei.

Fabiano olhou para nós duas e deu ombros, voltando a admirar o quadro. Vitória sorriu, me acompanhando para fora. Assim que fechei a porta, nossas mãos e bocas se procuraram, automaticamente. Nossos lábios se encontraram em perfeita sintonia, enquanto a virava para a porta contrária, que dava para o meu escritório. Entramos trôpegas, parando na parede ao lado.

— Seja bem-vinda à minha casa! – falei, beijando seu pescoço perfumado.

— Você é louca – respondeu, acariciando meu corpo sobre as roupas. – Estou gostando de conhecer sua casa.

— Não vejo a hora de poder te apresentar meu quarto – sussurrei, ao subir a mão esquerda para acariciar seu seio sobre o vestido.

— Será um prazer conhecê-lo.

— Com certeza vai.

Vitória sorriu contra meus lábios, voltando a me beijar com pressa, desejo. Ficamos nos curtindo por vários minutos, antes que nos afastássemos com sorrisos bobos, cúmplices. Puxei-a para ver o quadro de Fabiano, pendurando na parede oposta. Enlacei minhas mãos em sua cintura, apoiando o queixo em seu ombro.

— Essa é a pintura dele.

— É meio sombria, não é?

— É desespero. Fome, como ele a chamou. Veja os traçados dele, a mão dele é muito leve, precisa. Ele consegue traduzir, de forma quase poética, o caos do mundo.

— Eu vejo uma pintura. Estranha – riu Vitória.

— Você ainda não possui olho técnico. Quando tiver, vai conseguir mergulhar na obra, se sentir parte dela.

Vitória se virou para mim, enlaçando meu pescoço com os braços.

— Você vai me ajudar a ter esse olhar mais técnico?

— Vou, mas quero algo em troca.

— E o que é?

— Posa pra mim?

Ganhei um beijo demorado, antes que ela se afastasse, encarando meus olhos.

— Poso.

— Nua?

— Nua. Corpo e alma.

Capítulo 04 – Memento Mori

Depois de algum tempo namorando no escritório, voltamos para junto de Fabiano. Ele havia pego uma tela em branco e montado em um cavalete. Estava concentrado enquanto fazia o pincel deslizar com a mão esquerda.

— Fabiano... — começou a repreender Vitória.

Segurei seu braço e balancei a cabeça em sentido negativo, pedindo que ela não o repreendesse. Puxei-a para próximo, observando como ele pintava, como estava aéreo com nossa presença ao mergulhar na sua própria cabeça. Sorri para Vitória, satisfeita com o talento que via na minha frente e me afastei, puxando um cavalete para o seu lado. Coloquei uma tela em branco e preparei outra paleta, antes de tirar a camisa, ficando apenas com o top. Me sentei ao lado de Fabiano e ele me olhou, com um sorriso, enquanto me via deslizar o pincel sobre a tela, acompanhando-o no processo criativo. Eu poderia dizer, com toda a convicção, que foi naquele momento em que nos conectamos, em silêncio, e a arte falou por nós.

— Como que eu faço pra luz entrar por esse lado da pintura? — perguntou Fabiano, sem desviar os olhos da tela.

— Você tem que fazer um jogo de sombra aqui — respondi deixando o pincel de lado, para me posicionar ao lado da sua tela. — Passa primeiro uma camada de cor fria e, depois, a cor quente predominante. Por exemplo, se você quer que a luz venha pelo lado direito, a sombra fica do lado esquerdo, é só sujar o pincel com o marrom, você passa levemente nessa parte, aqui do lado, apenas fazendo uma leve sujeira. Quando colocar a cor quente, tanto no lado esquerdo e lado direito, onde já está com o marrom, automaticamente já vai criar a sombra.

— Entendi. É na base.

— Exatamente.

Fabiano preparou a cor e passou na tela, nos lugares em que havia orientado.

— Segura o pincel mais para a ponta. Ele se torna mais leve.

Mais uma vez ele me ouviu, fazendo como havia dito. Fiquei observando-o pintar por alguns minutos, antes de me virar para Vitória, sentada em uma poltrona mais atrás. Ela nos olhava fascinada, com um meio sorriso preso nos lábios. Sorri na sua direção, feliz por poder proporcionar aquele momento aos dois, por fazer parte daquele momento.

— Ele se conectou com você – ela falou, como se estivesse lido meu pensamento.

— Eu me conectei a ele – sorri de volta. – É um garoto excepcional.

Peguei sua mão, acariciando-a discretamente, enquanto Fabiano continuava concentrado na tela. Pâmela entrou no estúdio e informou que nosso café da tarde estava servido, e pude notar o olhar que ela me lançou, ao captar minha mão unida a de Vitória. Confirmei com um aceno e voltei minha atenção para a mulher ao meu lado.

— Vamos tomar um café?

— Vamos. Fabiano, vem tomar café.

— To sem fome.

Vitória se virou para mim e eu me limitei a dar ombros.

— Se mudar de ideia, estaremos na sala de jantar, depois da sala de café.

O garoto concordou com a cabeça, concentrado na tela e puxei Vitória do sofá, saindo do estúdio ao seu lado.

— Estou impressionada – falou Vitória acariciando meu braço com a mão livre, enquanto caminhávamos pelo corredor. – Fabiano não é fácil para ter interação social. Geralmente ele bufa com completo tédio na direção da pessoa que tenta falar com ele. Na minha direção, muitas vezes.

— Muitas pessoas podem não acompanhar o raciocínio dele, por isso que ele pode acabar demonstrando tédio. É complicado acompanhar uma mente muito inteligente.

— Você é também, não é?

— Sou. Quando tinha dezessete anos, identificaram meu Q.I de 141, junto a isso tinha transtornos obsessivo-compulsivo e bipolaridade. Foram longos anos de tratamento para me colocar na “curva da normalidade”.

— Ainda possui esses sintomas?

— Apreendi a controlá-los. A arte foi fundamental na minha vida. Todas as minhas alterações de humor ficam impressas nas minhas telas.

— Será que eu, uma pessoa comum, consigo lidar com dois gênios?

— Não chego a classificação de gênio, mas você consegue sim, prova disso é que estamos aqui.

— Tenho medo de ir rápido demais...

— Tempo é uma questão subjetiva. O que é o tempo para um adolescente, que pensa que pode ganhar o mundo e uma mulher em seus últimos dias de vida querendo apenas um tempo de paz?

— Estamos no meio disso – respondeu Vitória sentando-se à mesa. Me sentei ao lado dela e a beijei demoradamente, fazendo carinho em sua perna.

— Não temos como saber – respondi, somente.

— Me fala de você, das exposições que já fez.

— Minha arte me levou a muitos lugares, no exterior, principalmente. Meus quadros tem uma boa aceitação por críticos internacionais, o que me leva a viajar bastante...

Passamos uma tarde agradável enquanto relatava a ela algumas experiências que já tinha tido como artista. Entre uma xícara de chá e bolos, apreciava seu sorriso, o jeito como Vitória arrumava o cabelo, prendendo-o atrás da orelha ou como inclinava a cabeça, levemente para a direita, prestando atenção ao que eu falava. Era um momento tão simples e, ao mesmo tempo, tão mágico que fazia meu coração se apertar um pouquinho, talvez pelo sentimento que me invadia, sem pedir licença ou, talvez pela consciência de que eu não poderia fazer planos com ela, pensar em um futuro ao seu lado, visto que meu próprio futuro já estava traçado, crescendo lentamente dentro da minha cabeça. Diminuindo meus minutos, igual a uma bomba-relógio, prestes a explodir.

Voltamos para o estúdio, depois de duas horas e Fabiano continuava concentrado na tela. Me sentei ao lado dele, analisando seu trabalho, como ele alternava o pincel da mão direita para a esquerda sem problema algum de coordenação.

— Está muito bom, Fabiano – chamei sua atenção. – Já pensou em um nome?

— O estúdio da Jordana – ele sorriu.

Sorri de volta, analisando os detalhes. Não era, propriamente meu estúdio, ele havia pintado parte da grande janela de vidro à nossa frente e, ao lado, onde tinha um banquinho agora ocupado com uma flor, mas ele havia mudado para um, ainda inacabado, crânio. Um Memento Mori “lembre-se que é mortal”.

— Um Memento Mori – falei em voz alta, encarando-o atentamente.

— O que é um Memento Mori?

— É uma expressão do latim, lembre-se da morte. É um conceito que foi muito usado por grandes artistas no passado, tanto em pinturas como literatura. Os estoicos trabalhavam muito esse conceito. Sêneca, um filósofo da antiga Roma, escreveu que qualquer tempo que já passou, pertence à morte.

— Sombrio, não é? – disse Vitória ao nosso lado.

— A morte faz parte da vida. A transformamos em tabu, mas a única certeza que temos, é que um dia vamos morrer. A ignorância do quando, é que é uma benção – respondi, com certo pesar. – De qualquer forma, você está trabalhando um conceito, Fabiano. A consciência da mortalidade.

— Legal. Quem foram os estoicos?

— Um movimento filosófico criado por Zenão de Cício na Grécia antiga. Durante gerações estudaram, profundamente, conceitos como morte, felicidade e ética.

— Parece ser chato.

Sorri com a resposta sincera do garoto.

— Eu também achava quando tinha quatorze anos. Vamos continuar a pintar.

Voltei a me sentar no meu cavalete e retomei minha pintura, uma tela abstracionista, sem grandes pretensões. O restante da tarde foi mostrando a Fabiano algumas técnicas, corrigindo sua postura diante da tela e mostrando, superficialmente, uma forma mais crítica de enxergar a arte. Vitória ficou ao nosso lado e, podia jurar, havia encantamento na forma como ela nos olhava. Quando a noite finalmente caiu, ela chamou o filho para irem embora.

— Não quer ficar aqui? Tenho mais dois quartos desocupados, caso ache que estamos indo rápido demais – convidei, cheia de esperança.

— Não. Não podemos. Fabiano tem escola amanhã cedo e eu também entro sete horas no Pro Mater.

— Mesmo? – insisti com uma caretinha.

— Mesmo, mas eu adorei o dia. Foi incrível!

— Eu também gostei. Vem aqui.

Mais uma vez a puxei para o meu escritório, onde nos despedimos com beijos e carícias calorosas em meu sofá. Me despedi de Fabiano, informando que Marcelo iria buscá-lo na escola, para darmos continuidade nas aulas de pintura. Vitória agradeceu, com um sorriso permanente no rosto e, por fim, os vi sair do apartamento. Sempre havia morado sozinha e estava acostumada com a solidão, gostava dela até, mas naquele momento, senti um vazio inexplicável, com o silêncio da casa.

Me sentei em uma poltrona na sala e peguei um uísque e um cigarro, deixando meus pensamentos aflorarem na penumbra da noite. Ouvi o clap clap do salto de Pâmela e não me dei ao trabalho de me virar na sua direção.

— Você precisa contar a ela.

— Não preciso – suspirei fundo. – Nos conhecemos ontem. Não há porque já passar meu relatório médico.

Ouvi Pâmela sair da sala e voltei a mergulhar na minha cabeça. Talvez eu devesse contar a Vitória que estava com minha sentença de morte assinada e carimbada, mas naquele momento eu estava sendo covarde. Eu podia me permitir ser covarde. Não queria que ela se afastasse, menos ainda, que ficasse por pena.

Senti um úmido em meu nariz e levei o dedo, para descobrir um sangramento. Limpei com a própria mão, mas o sangramento não parou. Tirei a camisa e pressionei contra o rosto, enquanto saía atrás de Pâmela.

— Deita aqui – ela me orientou. – Eu vou ligar para o doutor Gabriel.

Quarenta minutos depois estava no hospital, sendo preparada para uma ressonância. O sangramento já tinha sido contido, mas a

dor de cabeça que se seguiu, me castigava em níveis que não conseguia colocar em palavras.

— Houve um aumento da massa – explicou Gabriel sentado ao meu lado. – Desde a última vez, ela teve um crescimento considerável. Ainda insisto que a cirurgia de exploração...

— Estourou alguma veia? Por isso o sangramento? – interrompi.

— Sim. O que estava fazendo exatamente?

— Bebendo e fumando.

— Falta de oxigenação no cérebro. Você está morrendo, Jordana. Quer apressar as coisas fumando?

— Não vai fazer muita diferença, vai?

— Depende do que chama de diferença. Quatro meses ou quatro semanas?

Olhei para ele sem conter uma lágrima. Eu queria aqueles últimos quatro meses mais que tudo.

Capítulo 05 – Homem Vitruviano

Cheguei em casa já era quase manhã. Fui deitar, mas o sono não me visitou. Durante um bom tempo, fiquei olhando para o teto, pensando em Vitória e Fabiano. Era incrível como os dois haviam mudado minha concepção de vida e morte em apenas dois dias. Antes de encontrar Fabiano, estava disposta a apenas ensinar meus conhecimentos para que eles não fossem para o túmulo comigo. Depois de conhecê-los um pouco, queria levar parte deles comigo, queria que fossem parte mim, completando o sentido de uma existência tão curta.

Quando o relógio marcou onze horas da manhã, me levantei para ajeitar as coisas para receber Fabiano. Deixei nossas telas já preparadas para terminarmos a pintura, mas naquele dia queria fazer algo diferente. Mande uma mensagem de bom dia para Vitória, que foi respondida depois de quarenta minutos. Ela estava trabalhando e não podia atrapalhá-la, então me consolei em saber apenas seus horários naquele dia. Da mesma forma que a primeira vez, ela trabalharia até as sete da noite e, depois, iria para o Beneficência.

“Eu vou passar aí com Fabiano para irmos jantar. O que acha? Depois eu o levo para casa.” Perguntei, antes de me despedir.

“Será ótimo! Vou esperar vocês dois”.

Sorri para o aparelho em minhas mãos. Tinha certeza que teríamos um excelente dia.

Exatamente à uma hora da tarde, Fabiano chegou no meu apartamento. Já tinha pedido que preparassem o nosso almoço e indiquei o sofá para que ele deixasse sua mochila, com material escolar, antes de irmos para a sala de jantar.

— Como foi a escola, Fabiano? — perguntei, depois que nos acomodamos.

— Umas aulas de merda, como sempre!

Dei um discreto riso, me servindo de salada.

— Aguenta firme! Passa mais rápido do que imagina e é importante que tenha a educação básica concluída.

— Ah Jordana! Quem precisa saber sobre a Guerra do Paraguai ou sobre equações de segundo grau? Nunca vou usar isso na vida!

— Você pode usar, sim. Vou te dar um exemplo rápido. O que foi a Batalha do Avaí?

— Um conflito às margens do Rio Avahy. Aconteceu dentro da fase da Dezembrada. Falaram disso hoje na escola.

— Perfeito. Conhece essa tela? – perguntei ao pegar o celular e buscar a imagem de uma pintura.

— Não.

— Essa tela chama-se A Batalha do Avaí. Foi feita por Pedro Américo, encomendada pelo império brasileiro em 1876, se não me engano. Está exposta no Museu de Belas Artes no Rio de Janeiro. Se você quiser fazer uma releitura da obra, você tem que conhecer o que foi a guerra do Paraguai até desencadear nessa batalha. Se você quiser retratar algo novo desse episódio, você precisa conhecer o que foi a guerra. De toda a maneira, arte e história estão conectados. Se quiser fazer um quadro contemporâneo, você precisa conhecer a atual política para que sua obra não seja apenas mais uma pintura, ela tem que ser crítica, provocadora. É a mesma coisa que fez com fome: aquilo foi uma provocação. Estamos tão conectados com nosso próprio mundo que não olhamos ao redor.

— Tudo bem história, mas e matemática? – ele insistiu.

— Essa é fácil. Conhece O Homem Vitruviano de Da Vinci?

— Sim.

— Sabe como ela foi feita?

— Não.

— Vitruvius, um grande arquiteto, dizia que toda grande obra deve obedecer padrões de simetrias e proporções. Se você pegar O Homem Vitruviano, ele obedece todas as normas. Altura, circunferência, quadrados. A divisão da altura do homem pelo comprimento do umbigo até o pé, dá o número de ouro, 1.618.

— E o que é o número de ouro?

— Uma constante algébrica. Falaremos disso mais pra frente, mas é uma proporção usada por muitos artistas. Mestre Giotto usava muito essa proporção. E, a nível de informação, Giotto foi precursor das pinturas renascentistas.

— Caralho – exclamou Fabiano. – Até matemática?

— Até matemática. O talento faz um artista, mas o que faz ele se destacar são seus conhecimentos, sua base. Imagine-se em uma exposição de suas telas, intelectuais, críticos, apreciadores de arte no geral, indo conversar com você sobre qualquer bobagem que as pessoas gostam de discutir nesses eventos. Você precisa saber, precisa estar antenado com o que acontece com o mundo, com o que já aconteceu, para desenvolver um bom diálogo com todos, independentemente do nível de conhecimento dessa pessoa. E, sabemos, conhecimento é poder.

— Ok, Me convenceu um pouco – sorriu Fabiano. – Mas ainda assim é umas aulas de merda.

— Eu tinha o mesmo sentimento, garanto que não está inaugurando algo novo.

Fabiano passou a me narrar o que tinha acontecido na escola aquele dia e como eram seus professores. Às duas horas da tarde, já estávamos no estúdio, pintando e conversando sobre história da arte. Às quatro horas, interrompi nossa pintura e o chamei para ir até o Masp, pois o museu estava recebendo as telas de *Lucia Laguna*, e estava genuinamente interessada em conhecer as últimas obras da artista, já que a exposição continha quadros de 2012 a 2018. Passamos uma tarde agradável, analisando cada uma das vinte e uma pinturas que compunham a amostra, discutindo conceitos, formas e cores. Eu havia ganhado um grande amigo.

Já era seis e quarenta da tarde quando chamei Fabiano para irmos buscar sua mãe no hospital. Ele concordou com um aceno e fomos para o carro. Em cinco minutos já estávamos parados na frente do hospital. Mandeí uma mensagem para Vitória, informando que já estávamos esperando-a.

— Você e minha mãe estão namorando?

— Ainda não.

— E vocês vão?

— Tudo bem pra você?

— Tranquilo. Não vai parar de me dar aulas por causa disso, não é? Se for, prefiro que arrume outra namorada.

— Não, não vou parar – dei um riso discreto na sua direção. – Minha prioridade é você.

— Então está tudo certo.

Tive ímpetos de bagunçar o cabelo de Fabiano com a mão, mas ele não era mais um garoto de cinco anos. Desviei minha atenção do adolescente quando enxerguei Vitória, já caminhando na direção do veículo. Desci do carro e me apoiei contra a lataria, sendo presenteada pelo sorriso que ela me lançava.

— Oi linda – cumprimentei, enlaçando sua cintura.

— Oi – ela me respondeu, me dando um demorado beijo no rosto.

— Seu filho já me deu permissão para te dar um beijo mais descente – falei, sem soltá-la.

— Como assim?

— Ele perguntou se estamos namorando. Eu respondi que ainda não e ele me deu permissão.

— Meu Deus! Não posso deixar os dois sozinhos! – riu Vitória ao buscar minha boca para um beijo. – Já que podemos, não é?

— É – concordei, beijando-a mais uma vez. Abri a porta do carro para Vitória entrar, mas foi Fabiano quem saiu.

— Oi filho – cumprimentou Vitória, tirando a mão de minha cintura para ir beijar o seu rosto.

— Oi mãe. Eu vou aqui no banco da frente, vocês podem ir juntas no banco de trás.

— Ganhou um sorvete por isso! – brinquei.

— Não tenho mais sete anos, Jordana – ele me esculachou. – Pode melhorar sua oferta.

— Uma ida ao Museu Nacional na próxima semana.

— Fechado!

— Hum, vão ao museu e nem me convidam! Estou de olho! Onde é esse museu? – perguntou Vitória se acomodando no banco traseiro.

— Rio de Janeiro – Fabiano e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Rio? – ela arregalou os olhos. – Como assim, Rio?

— Rio quarenta graus, cidade maravilhosa, Copacabana, Cristo redentor.

— É uma viagem!

— Dá pra ir e voltar no mesmo dia. Mas seria muito, muito bacana se passássemos o final de semana lá.

— Jordana, eu... Podemos falar disso em outro momento?

— Já quer falar escondido de mim – resmungou Fabiano do banco da frente.

— Não é isso, Fabiano. Você não pode viajar sem minha autorização e a autorização do seu pai.

— Ele implicaria com isso? – perguntei.

— Não, acho que não.

— Eu não sou obrigado a passar o final de semana com ele? Já peço ué.

— Você sabe que é bom ficar um pouco com ele. Tem meses que vem recusando ir pra casa dele.

— Eu queria passar com Jordana.

— Iremos passar a próxima semana inteira juntos, não se preocupe – contemporei. – Já veja a autorização dele, não só para voos domésticos, mas internacionais também. Iremos conhecer a Monalisa.

— Jordana, para com isso! Esse eu sei onde está e ninguém vai para Paris, ok?! – cortou Vitória em um tom mais sério.

— Nunca se sabe – respondi com um sorrisinho.

Durante o percurso até o restaurante, Fabiano e eu narramos a Vitória sobre o dia que havíamos tido e a exposição que visitamos. Já acomodados na mesa, e depois do pedido, o adolescente saiu para ir ao banheiro, deixando-nos a sós. Foi o tempo dele sumir no corredor de acesso aos toilettes para mudar para a cadeira, antes ocupada pelo adolescente, e puxá-la para um beijo.

— Jordana, eu sei que tem as melhores intenções, mas não coloque coisas na cabeça do Fabiano que não vai acontecer.

— Não são coisas que não vão acontecer. Que mentora de arte eu serei se não o levar para conhecer os mestres?

— Rio de Janeiro ok, é aqui do lado, eu consigo pagar uma passagem a ele, mas Paris? Só trabalhando seis meses e sem gastar um centavo sequer. Nossa vida é diferente da sua.

— Não pedi que pague a passagem dele, pedi? – perguntei com um sorriso, acariciando seu rosto. – Não será para amanhã também. Daqui umas três semanas.

— Nem que fosse um ano. Eu não posso permitir que...

— A não ser que não queira que ele vá, eu entendo, mas questão financeira não. É meu investimento nele.

— E qual seu retorno com isso?

— Um novo mestre.

Vitória sorriu com minha reposta e balançou a cabeça, sem sentido negativo, me beijando novamente. Me afastei para fitar seus olhos.

— Se Fabiano vai para a casa do pai, significa que terá uma folga, não é?

— Sim. No sábado trabalho normal no Pro Mater, mas tenho folga no Beneficência e no domingo tenho folga no outro também.

— E você aceita passar comigo?

— Com certeza!

Beijei Vitória demoradamente e esse foi um deslize que cometemos. Nos afastamos quando escutei a cadeira arrastar e Fabiano se sentar no meu lugar, mexendo no celular. Sorri para a morena ao meu lado e o garçom também apareceu, pondo um final no nosso breve momento de intimidade.

Durante todo o jantar, Fabiano e eu tentamos ensinar um pouco de arte para Vitória. Ela parecia realmente interessada na nossa interação e fez várias perguntas. Quando finalizamos o jantar, fui para o banheiro e já passei no caixa, deixando acertado nossa conta. Antes que me afastasse, a mulher, identificada como gerente da casa, me parabenizou.

— Vocês têm uma família linda, parabéns.

— Obrigada – agradei sem me dar ao trabalho de corrigi-la. De fato, poderíamos formar uma bela família.

Capítulo 06 – Soneto da Felicidade

Depois de deixar Vitória no hospital e Fabiano em casa, voltei para o apartamento e fiquei sentada, no escuro, durante um bom tempo. Mais uma vez, me perdi em pensamentos, imaginando o privilégio de ter uma vida com Vitória e Fabiano. Poderia fazer tantos planos com ambos, levá-los a tantos lugares! Eu queria, com todas as forças, fazer parte deles, da mesma forma que já faziam de mim.

No dia seguinte, apesar de ser folga de Vitória, somente Fabiano foi para casa. Ela havia alegado que precisava arrumar algumas coisas que só conseguia nas suas folgas e não consegui movê-la de sua decisão. Passei toda a tarde com o adolescente, estudando arte e, no final do dia, o acompanhei para casa, para ter a companhia de Vitória. Assim que chegamos, fomos recepcionados no portão por uma Vitória trajando um simples short jeans, uma blusinha branca, cabelos presos em um rabo de cavalo e os pés descalços. Não poderia estar mais linda que naquele momento.

— Não creio que você também veio! E sem me avisar! – exclamou com um sorriso.

— Fiz mal? – perguntei, preocupada com minha intromissão.

— Não, não fez. Entra.

Fiz menção de beijá-la, mas ela desviou o rosto, depositando um beijo em minha pele.

— Minha vizinhança é muito fofqueira.

— Entendo. Me desculpe.

— Não se desculpe. E como foram as aulas? – perguntou, me apontando o corredor lateral por onde Fabiano já havia sumido.

— Proveitosa. Fabiano absorve tudo muito rápido, sem necessidade de correções posteriores.

— Ele está bem satisfeito. Não parou de falar isso ontem – respondeu a morena, apontando a entrada de uma casa, nos fundos. – Esse é meu grande lar. Seja bem-vinda a ele.

Enlacei Vitória e me foquei na única coisa que me interessava ali dentro: seus lábios. A beijei demoradamente, ao

passo que minhas mãos a acariciou por inteira.

— Conversei com Fabiano ontem – ela se afastou, sem tirar os braços do meu pescoço. – Pra ele está tudo bem ficarmos.

— Ele me falou a mesma coisa. Viu como um clichê mãe e professora sempre funciona? – brinquei.

— É, funciona. Vamos ver até quando funciona.

Se eu tivesse sorte, funcionaria pelos próximos três meses e duas semanas.

— Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure – respondi, ao beijar seus lábios.

— Soneto da felicidade.

— Hum, sabidinha! – brinquei, apertando-a em meus braços.
– Quer sair para fazer alguma coisa? Jantar fora ou um cinema, teatro.

— Janta com a gente aqui. Prometo que eu sei cozinhar.

— Tenho certeza que sabe. Eu vou adorar!

Beijei Vitória e saí da casa, indo para o portão, apenas para dispensar Marcelo. O carro saiu e olhei a vizinhança ao redor, saudosa de minha infância e adolescência. Havia sido criada em um lugar similar aquele, na zona norte de São Paulo. Dei um discreto riso e voltei para dentro da casa, encontrando Vitória orientando Fabiano para ir comprar alguma coisa. Aguardei em silêncio, olhando encantada, a interação mãe e filho. O menino saiu para fazer o pedido de sua mãe e eu me juntei a ela, namorando por longos minutos.

— Vamos começar nosso jantar. Você será minha ajudante! – Vitória me puxou pelas mãos, me presenteando com um sorriso.

— Me diga o que fazer!

— Primeiro, lavar as mãos. Depois picar esse champignon. Vou fazer um stroganoff de frango.

— Perfeito!

Beijei-a uma última vez, antes de ir fazer o solicitado. Entre conversas e beijos roubados, tantos meus quanto dela, começamos a preparar o jantar. Me sentia confortável ali, num início de noite corriqueira, admirando cada movimento de Vitória. Estávamos conversando sobre a escola de Fabiano quando ela parou, me

encarando por meio segundo, antes de se adiantar na minha direção, preocupada.

— Você está sangrando – disse ao pegar um guardanapo de papel.

Levei a mão ao rosto, notando o úmido do meu nariz. Estiquei os dedos na frente dos meus olhos para enxergar o sangue. Logo Vitória apoiou o guardanapo no nariz, mas peguei o papel de sua mão, indo para a sala. Sentei no sofá e apoiei a cabeça para trás. Maldita hora de começar a sangrar!

— Você está bem? – perguntou, preocupada, se sentando ao meu lado.

— É o ar seco. Sempre tenho sangramento quando fica muito calor – menti.

— Eu vou pegar um soro para colocar. Ajuda a umedecer.

Apenas concordei com um aceno e a vi ir para o pequeno corredor. Dei um murro, frustrada, no estofado. Não precisava que meus sintomas comesçassem a aparecer quando estava com Vitória. Já tínhamos tão pouco tempo. Não era justo que fosse estragado por causa da doença.

Me levantei e fui até uma porta que identifiquei como banheiro. Torcia para que não fosse um sangramento intenso, como da última vez, ou teria que ir para um hospital novamente. Tirei o papel que usava para estancar o sangramento e notei que já havia parado. Me abaixei para lavar o rosto e Vitória apareceu do meu lado.

— Parou de sangrar?

— Parou. Coisa boba só.

— Essa baixa umidade acaba com o sistema respiratório – ela comentou ao colocar soro em um algodão. – Deixa eu colocar...

— Não, eu faço isso – cortei com um sorriso. – Você não vai colocar um algodão no meu nariz no nosso terceiro encontro.

Vitória riu e me deu um beijo no ombro, enquanto eu me dedicava a colocar o soro no nariz.

— Está sentindo mais alguma coisa? – perguntou, preocupada.

— Não. Foi só um sangramento bobo. Não se preocupe, tá bom?

— Tá bom. Vou ver nosso jantar.

Assisti Vitória sair do banheiro e mirei meus olhos no pequeno espelho à minha frente. Por sorte, a dor de cabeça ainda não havia se manifestado e esperava, fervorosamente, que ela não me fizesse companhia naquela noite. Lavei o rosto mais uma vez, e sai para a cozinha, já enxergando Fabiano depositar algumas sacolas sobre a mesa.

— Jordana, quero te mostrar uma coisa – falou vindo em minha direção.

— Pode ser daqui a pouco? Vou ajudar sua mãe a terminar de preparar o jantar.

— Depois, Fabiano – reforçou Vitória.

O menino concordou à contragosto e foi para a sala, jogar videogame. Vitória e eu voltamos a preparar a refeição e, em pouco tempo, estávamos os três sentados à mesa, curtindo a corriqueira noite, escutando Fabiano falar de teorias da conspiração sobre mega multinacionais, aliadas a governos mundiais, para dominação da massa. Sorri do entusiasmo do garoto ao defender suas ideias e percebi como Vitória muitas vezes não entendia o que ele dizia. Finda a refeição, ajudei-a a arrumar a cozinha e, só depois, Fabiano me levou para o seu quarto, para conhecer suas pinturas. Fiquei encantada com uma, onde se via uma árvore quase morta, em um jardim paupérrimo. O que mais me chamou a atenção foram as folhas dessa árvore que, na verdade, eram relógios se soltando dos galhos.

— Eu tinha visto esse desenho antes – ele explicou. – Achei legal a ideia do tempo que estamos perdendo e o quanto nos resta.

Balancei a cabeça sem emitir uma palavra. Peguei o celular do bolso da calça e tirei uma foto, enviando para Munhoz.

— Assim que meu agente me der um feedback sobre ela, eu te falo.

— Beleza!

Saí do quarto e voltei para a sala, onde Vitória estava acomodada com o controle da televisão na mão. Me sentei ao seu lado e a puxei para se encostar contra meu corpo. Ela me beijou, acariciando meu corpo de forma mais intensa e ousada e eu

correspondi com o mesmo entusiasmo, fazendo-a se deitar sobre o estofado.

— Dorme aqui essa noite? – ela pediu, encarando meus olhos.

— Durmo – concordei beijando-a mais uma vez.

— Amanhã eu saio cedo para ir trabalhar, mas Fabiano vai ficar aqui. O pai dele só vem buscá-lo depois da uma da tarde, que é quando sai do serviço.

— Tudo bem. Você falou com ele sobre a autorização para a viagem?

— Falei. Ele vai fazer esse final de semana e entregar para Fabiano.

— Perfeito. Não consegue uma folga na próxima semana para ir conosco?

— É difícil, mas posso ver o que consigo. Isso é tão inusitado! Não é muito rápido tudo isso? Te conheci essa semana, você já está aqui, no meu sofá, já conheci sua casa, estamos marcando uma viagem...

— Já te disse que tempo é uma questão subjetiva.

— É. Vamos deitar porque tenho que levantar às quatro e meia da manhã.

— Fabiano...

— Ele está com o computador no quarto. Só vai sair de lá amanhã, quando acordar.

Aceitei a mão estendida e segui Vitória até seu quarto. Assim que ela fechou a porta, puxei-a para meu corpo e nossas bocas se encontraram, já conhecidas, amantes. A conduzi até a cama e a deitei, enquanto minhas mãos tiravam suas roupas. Ela se afastou ofegante, encarando meus olhos.

— Preciso de um banho.

Não proferi nenhuma palavra. Beije-a outra vez, sem pressa, apenas curtindo o nosso momento. Vitória se levantou e pegou uma toalha em um canto, indo para o banheiro dentro do quarto. A porta que ela havia deixado aberta era um convite que aceitei de bom grado. Tirei minhas próprias roupas e entrei no banheiro, enxergando-a já dentro do box.

— Vim te fazer companhia – falei adentrando o pequeno espaço.

— Companhia aceita – ela respondeu com um sorriso, descendo os olhos pelo meu corpo, da mesma forma que eu fazia, conhecendo-a completamente. Tirei-a do rumo do jato do chuveiro e a encostei contra ao azulejo, explorando, agora com total liberdade, todo o seu corpo com as mãos.

Vitória pegou o sabonete ao lado e começou a passar pelo meu corpo, acariciando minha pele. Explorei seu pescoço e colo, antes de pegar o sabonete da sua mão e fazer o mesmo nela. Quando alcancei seu sexo, a masturbei, sentindo em meus dedos sua excitação. Entramos no jato de água apenas para nos enxaguar e logo estávamos de volta a parede do box, nos explorando mutuamente. Minha boca percorreu sua pele, com cheiro de sabonete, até cair de joelhos. Vitória se apoiou na parede atrás de si e colocou uma perna sobre meu ombro, me dando espaço para alcançar seu sexo.

Levantei os olhos para enxergar as feições de Vitória, que controlava seus gemidos com a mão na boca. Minhas mãos passeavam por todo a sua pele, no qual eu me perdia inteiramente, alheia a qualquer coisa que não fosse a mulher que se mexia acima de mim, rebolando na minha boca, fazendo-me deleitar em seu corpo. Poderia ficar ali, naquela posição, a noite inteira, provando o sabor de Vitória em minha boca, devorando-a lentamente com uma fome que julgava adormecida em mim, mas senti os sinais do seu gozo iminente e me dediquei que ela chegasse ao ápice, gozando para mim, em mim, mordendo a mão para que seus gemidos não escapassem dos seus lábios. Sorri satisfeita e a lambi lentamente, antes de me levantar e beijar sua boca demoradamente.

Não dei tempo para que ela recuperasse o fôlego. Minha boca se manteve grudada na sua e a mão desceu para o seu sexo, antes ocupado por minha boca, a penetrei com dois dedos. Vitória se desmanchou em meus braços, me segurando com força, enquanto me dedicava a guiá-la para outro gozo. Desgrudei da sua boca e apreciei ela morder o lábio, suas feições de prazer. Em pouco tempo senti ela espremer meus dedos dentro seu corpo, se contraindo, absolutamente entregue a um gozo demorado.

Saímos do chuveiro direto para a cama e foi a vez de ela descer pelo meu corpo, me proporcionando um prazer que há muito não sentia. Segurei sua cabeça no meio das minhas pernas com uma mão, mordendo a outra para que meus gemidos não saíssem altos. Me entreguei a ela de corpo e alma. Vitória não só possuía meu corpo naquele momento, mas, tenho certeza, foi naquela noite que meu coração também passou a ser seu. Tivemos um encontro que ia além do material. Tinha absoluta convicção que, enquanto nos amávamos, nos conhecendo fisicamente, nossas almas se alegravam, matando as saudades que sentiam uma da outra.

Capítulo 07 - Rococó

Naquela noite não dormi. Vitória resvalou para o sono, devidamente encaixada em meu corpo e passei as horas seguintes velando seu descanso, fazendo carinhos em seus cabelos. Às quatro e meia da manhã, seu celular tocou, despertando-a para o trabalho.

— Dorme mais – ela me falou, trocando de roupa. – Fabiano só acorda lá pelas dez da manhã, você consegue descansar mais.

— Vou fazer isso – concordei com um aceno. – Você já vai pra casa, quando sair do hospital, não é?

— Vou. Eu coloquei algumas roupas nessa mochila, você leva ela pra mim?

— Levo. Hoje à noite tem um coquetel de inauguração de uma galeria de um amigo, eu tenho que dar uma passada lá. Você vai comigo?

— Vou. Só vou pegar esse vestido aqui – disse indo para o guarda-roupas, dobrando uma peça preta para colocar dentro da mochila. – E essa sandália. Pronto.

— Te encontro à noite – falei, beijando seus lábios.

— Te encontro à noite – ela confirmou ao sair do quarto.

Me joguei nos lençóis novamente e, desta vez, o sono me visitou rapidamente. Já era dez horas da manhã quando voltei a acordar. Fabiano ainda dormia no quarto dele e eu me arrastei até a cozinha, preparando nosso café da manhã. Mandeí uma mensagem para Vitória, que não foi visualizada, e me sentei no sofá, bebericando o líquido quente enquanto zapeava os canais da tevê aleatoriamente. Já fazia anos que não parava na frente de uma televisão para assistir algo, e mesmo naquele momento de absoluto tédio, nada prendeu minha atenção.

Fabiano acordou onze e meia da manhã. Conversamos sobre arte, ensinei sobre o estilo Rococó, principal corrente de artística durante o iluminismo, e pedi que Marcelo fosse me buscar à uma hora da tarde. Ele chegou no horário combinado, mas ficou me

esperando do lado de fora, até que o pai de Fabiano aparecesse para buscá-lo.

Saí da casa ao lado do garoto e parei na calçada observando o estilo do pai de Fabiano. Um homem dentro da normalidade, aproximadamente trinta e dois anos, nada que chamasse a atenção. Senti que ele fez a mesma avaliação em mim, ao me ver sair ao lado do filho.

— Boa tarde – cumprimentei ao estender a mão. – Meu nome é Jordana. Você é o pai de Fabiano, certo?

— Isso, Diego. Muito prazer. Você é a professora de arte dele, isso?

— Exatamente.

— Dá aulas em casa também?

— Sim. Tivemos uma hora produtiva estudando o estilo Rococó.

— Estudando o quê?

— Estilo Rococó. Posterior ao barroco, no século XVIII, movimento artístico surgido na França, tanto em arte como arquitetura. Aleijadinho foi um dos principais artistas a incorporar os elementos aqui no Brasil.

— Parece uma galinha pintadinha – ele tentou fazer graça. Permaneci séria, esperando o restante da piada. – Bom, acho que entendi porque Fabiano está tão interessado em arte. Tem uma professora tão estranha quanto ele.

Novamente fiquei em silêncio, esperando que algo coerente saísse da boca do homem à minha frente. Diante da minha taciturnidade, ele pigarreou e estendeu a mão na minha direção.

— Foi um prazer te conhecer, Jordana. Eu vou passar a autorização para Vitória, para que possam viajar. Vão para o Rio, é isso?

— Paris também. Preciso da autorização para voos domésticos e internacionais.

— Investindo alto.

— É uma bolsa de estudo completa.

— Tá bom – ele deu ombros. – Até mais!

Assisti o homem se afastar até o carro parado à frente do meu. Notei que ele ficou me observando até entrar no veículo e sair da frente da casa. Não saberia dizer, exatamente, o que uma mulher

como Vitória havia visto em um homem tão simplório como Diego. Talvez não fosse tão estranho na adolescência ou talvez era Vitória quem tinha amadurecido. De toda a sorte, não importava o que tinha ficado no passado: o importante era o presente e era comigo que ela estava.

Cheguei em casa e segui direto para o quarto, me jogando na cama. Dormi até as seis da tarde, um sono profundo e sem sonhos. Quando acordei, já me dediquei a me arrumar para esperar Vitória. Exatamente às sete e quarenta da noite, ela entrou no apartamento.

— Oi linda – cumprimentei ao beijá-la, apertando-a em meus braços.

— Oi! Uau! Você está linda! Achei que iria me esperar para tomar um banho gostoso comigo.

— Eu posso tomar outro. Isso, nem de longe, é um problema – respondi conduzindo-a até meu quarto.

— Não. Você está impecável. Não quero que mude em nada no visual – negou, depositando a bolsa em uma poltrona. – Que horas é o... Eh... Eu sei que é uma galeria. Desculpe.

— Coquetel de inauguração. É um evento rápido, nada que vá nos ocupar pela noite toda. E começa às oito da noite.

— Meu Deus! Estou atrasada! Já é sete e cinquenta!

— Não se preocupe. Ninguém chega no horário.

— Eu vou me arrumar.

— No armário, no banheiro, tem toalhas e um roupão lhe esperando.

Vitória me beijou uma última vez e seguiu para a porta que eu indicava. Aproveitei os minutos vagos para ligar para Munhoz, para saber a avaliação do quadro de Fabiano. Assim como eu, ele chegou à conclusão de que o garoto tinha um talento único, pinceladas perfeitas. Marcamos de discutirmos mais a respeito do jovem pintor no coquetel.

Ao voltar para o quarto, depois de vinte minutos, encontrei Vitória terminando de colocar o vestido negro. Dei a volta para fechar o zíper, na parte de trás e ela pegou uma nécessaire na bolsa, voltando para o banheiro. Levou mais quinze minutos para que ela voltasse para o quarto: a maquiagem que ela havia feito só ressaltava seus pontos mais lindos.

— E você consegue ficar mais bonita ainda – falei ao me abaixar na sua frente, para fechar as tiras da sandália em seus pés. – Incrível!

— Como você é uma galanteadora!

— Só estou dizendo a verdade – respondi puxando-a para que ficasse em pé.

Levei Vitória para o meu closet e paramos na frente do grande espelho que mantinha ali. O vestido que ela usava era um tubinho preto simples, sem nenhum adorno, sandálias de delicadas tiras nos pés, o cabelo preso em um coque sem grandes pretensões. Sempre fui a favor do menos ser mais e, para Vitória, havia caído como uma luva.

— Veja, só consigo enxergar perfeição.

— Você é muito xavequeira! Meu Deus! É você quem está perfeita nesse terninho branco. Adoro branco.

— Estamos as duas lindas – respondi beijando-a. – Quero que use algo hoje.

Caminhei até uma porta do closet, sob o olhar atento de Vitória e abri para revelar meu cofre. O abri para pegar um conjunto de joias que havia ganho em uma exposição em Londres.

— Quero que use isso – falei abrindo a caixa para revelar o conjunto de esmeraldas. – Vai cair como uma luva em você.

— Uau! Que lindo! – ela exclamou se abaixando para admirar as peças de perto. – Não posso. Não posso mesmo usar isso.

— Por que? – perguntou curiosa e levemente decepcionada.

— Porque se eu perder uma pedra dessa eu tenho que vender um rim para repor.

— Não se preocupe, você não irá perder, mas se acontecer, é só uma pedra. Eu ganhei esse conjunto de um admirador de arte, em Londres, mas como pode ver, não é bem o meu estilo.

— São esmeraldas de verdade?

— Sim. Verdadeiras.

Peguei o colar da caixa e rodeei Vitória, colocando-o no seu pescoço. Ela mesma pegou os brincos e os colocou na orelha.

— Perfeito!

— Caramba! É um conjunto lindo demais!

— Sim.

Mais uma vez enlacei Vitória e beijei levemente seus lábios, para não borrar o seu batom. Pâmela bateu à porta, perguntando se já estávamos prontas e saímos em direção ao coquetel. Chegamos no espaço já era dez horas da noite, e a inauguração estava lotada. Dois fotógrafos já me abordaram na entrada e parei para tirar fotos, enlaçando minha mão na cintura de Vitória. Agradei com um aceno e adentrei o espaço, cumprimentando alguns conhecidos, apresentando Vitória a eles. Um garçom apareceu e nos serviu com champanhe. Logo enxerguei Munhoz conversando com Pâmela, que havia se afastado assim que havíamos chegado, para trabalhar seu networking.

— Olá Munhoz! – cumprimentei abraçando-o. – Quanto tempo!

— Oi Jordana! Tem dias que voltou da Coréia e não se deu ao trabalho de uma visita a esse velho, não é?

— Tempo tem sido uma coisa escassa para mim – brinquei. – Me perdoe.

— E essa linda e jovem garota?

— Essa é Vitória, mãe de Fabiano. Esse é Munhoz, meu mentor.

— É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu. Eu vi a pintura de seu filho. Possui um pequeno prodígio.

— Obrigada.

— Ele tem futuro no mundo da arte. Iremos apresentá-lo a quem conta de verdade.

— Eu agradeço a atenção e o cuidado com meu filho.

— Não vou segurá-las ao lado de um velho babão. Aproveitem a noite! Ah, Jordana, *Sotheby's* leiloará uma obra sua. Quero que escolha uma tela perfeita para o próximo mês.

— Pâmela lhe dirá qual – consenti com um aceno.

Passamos uma noite agradável, bebendo e curtindo a companhia das outras pessoas. De mãos sempre dadas com Vitória, apresentei-a a alguns dos meus amigos, incluindo Mariano, que inaugurava a galeria de arte. Analisei todas as peças em amostra, ensinando-a um pouco do olhar crítico sobre arte. Paramos em frente a uma tela, onde via uma jovem sentada de frente a um espelho e, ao seu lado, um homem sem reflexo.

— O que acha dessa tela? – perguntei, deliberadamente me posicionando ao lado da placa de informações.

— É uma pintura muito bonita. O rosto dela parece triste, vazio. É isso? – ela perguntou com um sorrisinho.

— É. É minha obra – falei apontando minha assinatura. – Amantes sem rostos. A busca incessante de prazer, sem a necessidade de conhecer, de fato, alguém. Muitos rostos sem face.

— Eu ainda me acostumo com isso – ela sorriu. – É uma pintura linda.

Beijei Vitória e continuamos nosso tour. Já era uma hora da manhã quando voltamos para casa. Pâmela desceu no apartamento, mas segurei Vitória pela mão e acionei o último andar. Assim que descemos, indiquei a escada e subimos até o telhado, para enxergar a cidade iluminada e pulsante abaixo de nós.

— Uau! Que vista! – ela exclamou, fascinada.

— Essa vista, à noite, não tem preço.

— É lindo demais!

— Eu preciso te contar uma coisa – falei beijando seus lábios com sofreguidão.

— Algum problema?

— Sim. Eu estou doente – falei sem conseguir conter uma lágrima. – Tenho um tumor inoperável no cérebro.

Capítulo 08 – Imortal e Blá Blá Blá

Vitória me olhava congelada com minha revelação. Os minutos de silêncio, que se seguiram depois, me torturavam severamente.

— Preciso que me diga algo. Não me dê o silêncio como resposta.

— É sério? É brincadeira, não é?

— Não brinco com uma situação tão grave como essa – respondi, sem conseguir segurar uma lágrima. – Eu fui diagnosticada há três meses. Passei por vários especialistas ao redor do mundo. Todos são unânimes em dizer que tenho pouco tempo de vida.

— Como assim?! Você é jovem, Jordana, não tem nada de errado em você!

— Quando encontrei Fabiano, a primeira vez, estava saindo do médico, no Sírio. Tinha acabado de receber o diagnóstico e fiquei andando sem rumo pela cidade até encontrá-lo. Depois disso eu fui atrás de especialistas, buscando algum tipo de cura, mas não tem nada que possa ser feito. É uma região inoperável.

— E porque me procurou?

— Eu queria deixar meu legado. Construí uma bela carreira, mas não tinha a quem deixar. Me lembrei, imediatamente, de Fabiano, do talento que ele possui. Eu quero deixar meus conhecimentos para ele, não quero que vá comigo para um túmulo.

— Você não pensou que ele é uma criança? Que ele pode se apegar a você?!

— Minha ideia era ser apenas a mentora dele, um curso de três meses, depois passaria para um agente. Ele continuaria a ter todo o suporte necessário, mesmo com minha ausência, mas eu não o encontrei, pelo contrário, encontrei você... O motivo pelo qual voltei a sorrir.

— Você tinha que ter me contado antes! Eu me envolvi com você! – exclamou Vitória saindo da minha frente. Deu uma volta em torno do próprio corpo antes de voltar a me encarar. – Eu não quero te perder tão cedo...

Levantei as mãos e sequei seu rosto, molhado com algumas lágrimas. Beijeí seus lábios e a abracei forte, tentando passar algum conforto que eu não possuía.

— Ok, nenhum médico dá sentença de morte – tornou a falar se afastando novamente. – Eu quero ver seus exames. Tem algo que possa ser feito, alguma cirurgia...

— A única coisa que me resta é fazer uma cirurgia de exploração, mas não vou fazer. Não vão abrir minha cabeça para explorar sem nenhuma garantia de que vou ficar bem, que meus movimentos e sanidade não serão comprometidos.

— Nenhum procedimento médico tem garantias! Não venha me dizer que prefere morrer do que lutar contra a doença!

— É uma luta perdida! Não vou definhar em uma quimioterapia depois, se sair viva do centro cirúrgico! É muito sofrimento e eu não tenho estrutura para passar por isso!

— E prefere jogar tudo para o alto? Prefere se entregar de bandeja?

— Prefiro seguir o curso da vida.

— Eu quero ver seus exames.

— Vitória, isso não é...

— Não estou pedindo, Jordana. Eu quero ver, tenho esse direito, já que foi você mesma que trouxe eu e meu filho para sua vida.

Não tive forças para contrariar Vitória, que já me esperava na entrada no telhado. Descemos as escadas e pegamos o elevador até meu andar em silêncio. Assim que entramos, indiquei meu escritório para ela.

— Estão aqui – falei ao abrir o armário e pegar a pasta repleta de exames. – Pode verificar todos.

— Vai ficar comigo. Eu te vejo depois.

Vitória pegou a pasta e bateu em retirada do escritório. Segui atrás dela até o quarto, para enxergá-la pegar a bolsa em cima da poltrona, onde havia deixado horas antes.

— Vitória, por favor, não vá embora!

— Eu vou. Eu vou processar isso aqui – falou indicando a pasta.

— Mas vou voltar.

— Linda, eu...

— Até mais, Jordana.

Fiquei inerte, impotente, vendo Vitória sair do meu quarto. Desabei na cama quando escutei a porta da frente do apartamento se fechando. Na minha ânsia de não ter ela com pena ao meu lado, não tinha contado que ela poderia ir embora de vez. Me deitei em posição fetal e tentei controlar, miseravelmente, as poucas lágrimas que ainda me restavam.

Não sei quanto tempo fiquei no quarto, perdida em minha própria lamentação. Me levantei e fui até o banheiro, para lavar o rosto e enxerguei o batom que Vitória havia usado naquela noite, sobre o toucador. O peguei e analisei por pouco tempo, levando-o em direção ao closet. Sobre a ilha, a caixa da joia que ela havia usado, ainda vazia. Pelo menos teríamos algo, uma da outra. Coloquei o batom no lugar do colar e voltei o estojo para o cofre. Sai em direção à sala e abri a gaveta do aparador, resgatando o maço de cigarros. Acendi um e peguei um uísque em seguida. Apaguei todas as luzes e mergulhei na minha própria escuridão.

O barulho da porta me desviou levemente da minha imersão. Não virei o rosto para enxergar Pâmela, mas o clap clap do seu salto, denunciava sua presença.

— O que você está fazendo?

Me levantei de sobressalto, jogando a bituca de cigarro dentro do copo de uísque. Encarei Vitória através da penumbra e segui até o interruptor para acender as luzes.

— Não esperava que voltasse tão rápido – respondi, com alívio absoluto ao vê-la na minha frente.

— Eu disse que voltaria.

— Não achei que fosse hoje ainda – respondi bobamente.

— Torno a perguntar: o que estava fazendo? Você estava fumando?!

— Sim.

— Jordana... Pelo amor de Deus, Jordana!

— Não é sempre, eu...

— Não pode nunca! – suspirou Vitória se aproximando. – Você tem que cuidar da sua saúde!

— Eu... Eu não...

Parecia que, de uma única vez, as palavras fugiram de mim. Não estava conseguindo completar nada coerente.

— Eu fui no hospital, no Beneficência, conversar com um médico, colega de trabalho. Precisava que ele me explicasse seus exames. Você tem uma chance com a cirurgia de exploração! Não se negue isso!

— Vitória eu não quero, mesmo, falar sobre isso. Não vou lutar contra meu destino.

— Por que você me convidou para sair, pediu para me conhecer melhor? Só quer uma companhia para lhe apoiar na hora da morte? Aí você me viu, uma enfermeira de crianças e pensou: essa aí serve para me acalmar quando partir?

— Isso é uma besteira. Eu pedi para lhe conhecer melhor porque é uma mulher linda, guerreira, tem uma energia muito positiva...

— Eu não vou ficar com alguém condenado à morte. Me desculpe.

As palavras de Vitória entraram na minha cabeça, semelhantes a facadas penetrando minha carne. Tinha consciência do que ela poderia escolher, mas a realidade era bem mais dolorida.

— Ok – assenti, sem confiança em minha voz. – Eu compreendo sua decisão.

— Se resolver lutar pela vida, sabe onde me encontrar, conhece meus dois trabalhos e meu endereço. Quando estiver decidida a querer, de fato, ficar comigo e com Fabiano, me procure. Eu vou lhe dar todo apoio, ficarei do seu lado, segurarei sua mão o tempo que for e quão forte for necessário, mas eu quero que fique comigo. Que queira, verdadeiramente, ficar comigo – respondeu Vitória tirando o colar do pescoço.

— Eu quero ficar com você, não seria tão insistente e, até mesmo, inconveniente se não quisesse verdadeiramente ficar com você! Você e Fabiano foram um presente pra mim, um último presente!

— Jordana, veja bem, vamos deixar todo esse drama que vocês, artistas, carregam de lado. Essa história de ter se tornado imortal através de sua arte, transcender os conhecimentos físicos e blá blá blá é uma boa conversa entre amigos, em uma exposição, mas isso aqui é a realidade – ela falou apontando para a pasta. – Você tem um problema de saúde e a medicina pode te ajudar! Se você quer, realmente ficar comigo, lute! Esteja comigo!

Olhei demoradamente para Vitória, sem conseguir segurar as lágrimas que saíram em profusão. Por puro instinto toquei a cabeça, gesto acompanhado pelo olhar da morena. Ajeitei o cabelo, e a encarei tentando secar o rosto.

— Você... Você vai ficar comigo?

— O tempo que quiser, mas você tem que determinar esse tempo – respondeu Vitória me abraçando para depositar um beijo em meus lábios em seguida. – Eu vejo crianças morrerem quase todos os dias, sem condições de lutar pela própria vida. Eu tenho certeza que se eles pudessem, lutariam! Todos os bebês da neonatal são pequenos guerreiros pra mim, e é tão gratificante quando os vejo sair do risco de morte, quando saem do hospital nos braços de seus pais. Você tem trinta e oito anos, tem condições de pagar bons médicos, os melhores do país. Não desperdice essa chance com autopiedade.

Abracei Vitória apertado, pela primeira vez com medo do futuro que me esperava. Me afastei para enxergar seus olhos, marejados e cheios de esperança. A beijei demoradamente, antes de encostar minha testa na dela.

— Eu vou procurar meu médico na segunda – falei, por fim. – Mas tem uma coisa que quero lhe pedir: não fique comigo por pena.

— Não gosto de penas. Prefiro em aves – ela gracejou. – Teria pena se mantivesse a ideia de se entregar. Eu estarei do seu lado para o que precisar, ok? A todo e qualquer momento, eu sempre estarei presente para te ajudar a passar por esse processo.

— Obrigada.

— Agora tem uma coisa que exijo: vamos esquecer esse assunto durante esse final de semana.

— Combinado!

Puxei Vitória para um beijo demorado e seguimos para o quarto, trôpegas, até cair na cama. Nos despimos mutuamente e soltei seus cabelos, apreciando a cascata que caía no entorno do seu rosto perfeito. Vitória me puxou para o banheiro e a acompanhei, em direção ao box. Começamos a nos amar embaixo da água, e nos rendemos ao sono quando a claridade da manhã invadiu o quarto. Acordamos já era quase uma hora da tarde e ainda ficamos nos curtindo durante um bom tempo na cama, antes de sairmos para um

restaurante. No Santa Colomba, escolhemos uma mesa, próxima a janela, onde passamos o restante da tarde, comendo massas e criando laços que jamais seriam desfeitos. Às cinco e meia da tarde, saímos do restaurante em direção à paulista, caminhando entre os transeuntes, ouvindo a cacofonia da cidade, transpirando amor. A frase, *Existe amor em SP*, que tanto ouvira havia me atingido e, entre tantas formas para se manifestar, ele tinha vindo com um metro e cinquenta e oito de altura, cinquenta quilos e um coração gigante que não parecia caber no corpo mignon de Vitória.

Capítulo 09 – Bauhaus

Deixei Vitória na frente do hospital e voltei para casa, pensando em tudo o que tinha acontecido naquele final de semana. A revelação de minha doença, seu desprendimento de ficar ao meu lado. Tudo tinha ar de novidade e, como todas as novidades, estava acompanhado de medo, receio. Havia relutado contra a cirurgia, mas agora, com um motivo concreto de querer viver, não parecia tão assustadora.

Entrei no apartamento e segui direto para o aparador. Olhei para os vários maços de cigarros ali e dei um suspiro, fechando em seguida. Andei até a janela, observando a cidade que se iluminava com o anoitecer. Quando o sol voltasse a aparecer, traria consigo um novo capítulo em minha vida.

— Jordana? – Pâmela me chamou, tirando-me do devaneio.

— Oi Pâmela.

— Eu não pude deixar de ouvir parte da conversa sua e de Vitória ontem. Você vai mesmo fazer a cirurgia?

— Vou. Não sei no que isso vai resultar, mas eu vou fazer.

— Você não sabe o alívio que sinto em ouvir isso! Já vou entrar em contato com doutor Gabriel para encaixar uma consulta com você amanhã.

— Por favor. E tire esses cigarros daqui também.

— Farei isso, imediatamente.

— Vou para o estúdio, qualquer coisa, me chame.

Segui em passos preguiçosos para meu local de criação. Abri a porta e admirei o espaço, os cavaletes montados. Parei de frente a tela que Fabiano estava pintando, O estúdio de Jordana, um Memento Mori. “Ainda não”, pensei com um meio sorriso.

Peguei uma tela em branco e encaixei em um cavalete, antes de tirar a camiseta e preparar minha paleta de cores. Enquanto fazia o pincel deslizar sobre a tela, só enxergava os olhos de Vitória, seu sorriso, sua face perfeita. Ainda tínhamos poucos momentos juntas para serem recordados, mas foram o suficiente para povoar minha mente pelas seis horas seguintes. Somente me afastei da tela

quando escutei o toque do celular e identifiquei uma chamada de Vitória. Conversamos durante todo o seu intervalo e marcamos que ela iria direto para o meu apartamento quando saísse do hospital. Desliguei a ligação e voltei meus olhos para a tela com um sorriso: havia desenhado seu rosto, com contornos abstratos. Já eram dois quadros com sua feição: eu, finalmente, tinha encontrado minha musa.

Na manhã seguinte, levantei às seis horas da manhã. Pedi que fizessem o café e esperei a chegada de Vitória enquanto lia um livro. Às seis e quarenta e cinco, ela chegou, irradiando meu amanhecer.

— Oi linda! – cumprimentei, me adiantando para beijar seus lábios.

— Bom dia, anjo.

— Como foi sua noite de trabalho?

— Um tanto puxada – respondeu com um suspiro. – Estou cansada!

— Vem, já pedi nosso café, que está servido, mas sugiro que tome um banho primeiro, depois comemos e você descansa.

— Pra que horas ficou a consulta?

— Pâmela mandou mensagem para Gabriel ontem à noite, mas ele ainda não respondeu. Vou pedir para depois das onze da manhã, assim descansa um pouco.

— Tudo bem. Como está se sentindo? – ela perguntou enquanto íamos para o quarto.

— Bem. Um pouco apreensiva – fui sincera.

— Vai dar tudo certo, tá? Eu estou contigo.

Agradei com um beijo e entramos no aposento. Conforme havia sugerido, ela tomou um banho e, depois do café, deitamos na cama, para que ela pudesse descansar. Fiquei fazendo carinhos em seus cabelos até que Vitória resvalou para o sono profundo. Não me contive em ficar dando delicados beijos para que ela não acordasse, velando, por toda a manhã, seu sono.

Já era nove horas quando sai do quarto, pé ante pé. Segui para a sala e encontrei Pâmela, conversando com a funcionária da casa.

— Já falei com doutor Gabriel – ela me informou. – Marcou para as onze e quarenta da manhã.

— Ótimo. Vitória está dormindo no meu quarto, não quero que incomodem ela.

— Tudo bem. Precisamos conversar a respeito do leilão. Já decidiu que obra colocar?

— A Vênus. Vamos até o escritório.

Ficamos um longo tempo discutindo a parte tediosa do meu trabalho. Não gostava de cuidar de contratos de vendas, exposições, compras. O que amava eram as telas e as tintas, mas tinha que verificar, de vez em quando, a parte financeira de tudo. Não que estivesse indo ruim, pelo contrário: era uma das mais rentáveis pintora viva brasileira. Quando morresse, tinha certeza que meus quadros alcançariam valores exorbitantes.

Voltei para o quarto perto do horário de irmos ao médico. Acordei Vitória delicadamente, dando beijos em seu rosto e lábios. Ela me presenteou com um sorriso e saiu da cama, indo se arrumar. Fiz o mesmo e, em pouco tempo, nos acomodamos no banco traseiro do veículo, enquanto Pâmela ia na frente com Marcelo. Quando entrei na recepção do hospital, um mal-estar tomou do meu corpo, pois me recordava, perfeitamente, de como havia saído dali a última vez.

Na recepção do andar, fui recepcionada pelo próprio doutor Gabriel. O cumprimentei e apresentei Vitória a ele, antes de seguirmos até o consultório.

— Como está se sentindo por esses dias, Jordana? Já faz alguns meses desde sua última consulta comigo.

— Sim, eu fui atrás de segundas opiniões em outros países. Queria ter certeza de que estou mesmo condenada à morte.

— Não fala desse jeito, Jordana – me repreendeu Vitória.

— Ela está certa. É um quadro delicado, se não agirmos, pode colocar um ponto final em tudo, mas a cirurgia pode contribuir de forma muito positiva.

— Se eu fizer a cirurgia, quanto tempo eu ganho?

— Não posso te falar com exatidão, visto que não tem garantias em um procedimento de risco. Entenda, seu tumor está em uma área delicada, com o tratamento, após a cirurgia, podemos prolongar o seu tempo de vida, mas não posso lhe garantir que serão cinco ou dez anos. Tudo depende da resposta do seu organismo.

— E como é o processo para a cirurgia e o pós cirúrgico, doutor?
— Vitória perguntou, apoiando-se na mesa.

Gabriel explicou todo o processo, mas não estava escutando-o, de fato. Estava presente de corpo, mas minha mente se recusava a ouvir termos técnicos e procedimentos operatórios. Fingia que estava ali, mas estava no estúdio, olhando para a Vênus, contemplando sua beleza. Por que tinha indicado aquela obra para o leilão? Teria que pedir que Pâmela tirasse, antes que entrasse no acervo. Ao ouvir meu nome, retornei para o consultório, novamente.

— Desculpa, não entendi.

— Você escutou algo do que dissemos? – perguntou Gabriel.

— Sim – menti. – Eu vou fazer a cirurgia de exploração, mas quero Vitória no centro cirúrgico comigo.

— Isso não é possível – contestou Gabriel. – Somente os médicos e corpo de enfermagem podem estar presente.

— Ela é enfermeira...

— Sou técnica de enfermagem especializada em recém-nascidos. Para entrar no centro cirúrgico é necessário um conhecimento que não possuo.

— Então eu não vou fazer a cirurgia – protestei.

— Olha só, criança birrenta, primeiro que eu não faço parte da equipe do hospital, segundo, não posso entrar no centro cirúrgico, só para segurar sua mão porque pode atrapalhar os profissionais envolvidos no procedimento. Eu estarei na sala de espera, esperando doutor Gabriel me informar que a cirurgia foi um sucesso e que já está na U.T.I.

— Eu vou ficar na U.T.I.?

— Vão abrir sua cabeça – Vitória foi sincera. – Você tem que ir para a U.T.I, não é doutor?

— Sim. As primeiras horas são fundamentais.

— Vocês me animam bastante – suspirei fundo. – Eu sei que durante a cirurgia eu tenho que ficar acordada para que possam me monitorar. Eu quero Vitória dentro da sala. Vou pagar um absurdo por todo o procedimento e pode ser meu último pedido. A não ser que não queira, aí eu entendo – finalizei me virando para a morena ao meu lado.

— Linda, não é isso, é que...

— Podemos fazer isso – concordou Gabriel. – Vitória pode acompanhar a cirurgia. Já sendo uma colega do ramo da medicina, eu posso abrir essa exceção. Eu vou lhe passar todos os exames que precisa fazer e a consulta com o cardiologista. Assim que estiver tudo pronto, venha e já marcamos a data. Quanto antes fizer todos eles, melhor.

— Amanhã ela já faz a maioria – garantiu Vitória. Olhei para ela com um meio sorriso e me limitei a dar ombros.

— Você ouviu a chefe! – brinquei.

Depois de vinte minutos saímos do consultório. Pâmela levava um maço de guias na mão para marcar meus exames e, do caminho mesmo, já passou a marcá-los. Almoçamos em um restaurante, antes de chegar no apartamento, para que Vitória pudesse descansar o restante da tarde. Fabiano já havia chegado, pois pedi que Marcelo o buscasse na escola e também já tinha almoçado. Encontrei-o no estúdio, continuando sua tela.

— Oi filho – falou Vitória se adiantando para dar um beijo na sua cabeça. – Tudo bem?

— Tudo bem. Oi Jordana.

— E aí, guri?

— Como foi a escola? – perguntou Vitória tentando chamar a atenção do garoto.

— A chatice de sempre – Respondeu evasivo. – Jordana, hoje minha professora de desenho disse que eu tinha que voltar para Bauhaus. Sabe o que ela quis dizer com isso?

— O que você aprontou pra ela? – devolvi com um sorriso.

— Nada. Ela pediu para desenhar em preto e branco e fiz isso – falou mostrando a folha. – Ganhei um seis.

Peguei a folha de sulfite, olhando para o desenho de Fabiano.

— Sua professora não entende nada de abstracionismo.

— Foi o que eu disse a ela.

— Você o quê, Fabiano? – perguntou Vitória, séria.

— Eu falei que ela não sabia. Não sabe mesmo! Isso é arte!

Vitória suspirou fundo e me olhou. Tentei segurar o riso, para não contrariá-la, mas concordava com ele. Havia feito um desenho abstrato muito bom e não merecia, nem de longe, um seis.

— Ela está errada, Fabiano, mas você tem que explicar a ela porque está errada. Bauhaus foi uma escola de arte da Alemanha, no início do século XX. Kandinsky deu aulas de arte lá, até o fechamento por conta das pressões nazistas. Se ela conhece Bauhaus, ela deveria saber, no mínimo, que Kandinsky foi um grande representante das artes abstratas. Quando tiver aulas com ela novamente, explique o conceito e a origem do conceito. Numa próxima ela vai pesquisar melhor.

— Jordana...

— É só mostrar as telas e o desenho que ele fez. É conceito.

— O que faço com os dois?!

— Nos ame, nos alimente e nunca nos abandone – respondi, sorrindo. Vitória torceu o lábio com uma caretinha. – Qual é? Isso é Garfield! Conheço cultura pop.

— Isso é coisa de criança, Jordana – riu Fabiano.

— Ok, vocês venceram. Me desculpem – falei, rendida. – Você quer descansar, linda?

— Eu preciso.

— Vou com você até o quarto, depois eu volto para dar aulas a Fabiano.

— Ok.

— Já volto, guri.

— Eu vou descansar do plantão, Fabiano. Não vai fazer bagunça, tá bom?

— Tá bom, mãe.

Observei mãe e filho se despedirem e acompanhei Vitória para o quarto. Ficamos namorando durante meia hora, antes de deixá-la descansar. Quando voltei ao estúdio, encontrei Fabiano, novamente concentrado na tela. Eu havia tirando a sorte grande por ter os dois ali, comigo.

Capítulo 10 – O Coração da Loucura

Durante os dias seguintes, entramos em uma rotina pouco conhecida para mim. Na parte da manhã fazia exames e consulta e voltava para o apartamento para esperar a chegada de Fabiano. Depois passávamos as tardes estudando arte e no início da noite íamos buscar Vitória para jantar. Nos dias de suas folgas, variávamos entre sua casa e a minha, sempre juntas. Havia adiado a ida para o Rio de Janeiro por três dias, visto que ainda tinha um retorno com Gabriel e Vitória também teria uma folga dobradinha, o que permitiria que ela fosse conosco para o Rio. Na sexta-feira e já de posse dos resultados dos meus exames, fomos para o hospital, para que Gabriel pudesse dar continuidade no processo.

— Bom, seus exames estão tudo em ordem. Vou marcar a cirurgia para a próxima semana. É importante que não consuma nenhum tipo de bebida alcoólica e medicamentos a não ser analgésicos em caso de dor de cabeça.

— Que dia da próxima semana? – perguntei, ansiosa.

— Vou pedir para as meninas marcarem, elas entrarão em contato com você ou Pâmela. Já irão passar também o procedimento pré-operatório. É importante que siga à risca tudo o que lhe passarem.

— Tudo bem. O acerto da conta hospitalar já devo fazer hoje?

— Sim, assim já damos entrada.

— Ok.

— Nós vamos conseguir, Jordana. Acredite nisso.

Arqueei uma sobrancelha e abri um sorriso amarelo. Não que eu estivesse completamente descrente da cirurgia, mas também não via com total entusiasmo. O que me mantinha, realmente ali, era a mão de Vitória, repousada em minha perna e fazendo carinhos lentamente. Aquela estava sendo a minha fonte de força. Peguei sua mão e a olhei, com um aceno positivo.

— O não eu já tenho, não é?

— Exatamente.

Passamos a tratar da parte prática. Gabriel explicou, mais para Vitória do que para mim, como seria feito todo o processo cirúrgico. Vinte minutos depois, saí do hospital com Vitória e pegamos o carro em direção ao apartamento. Pâmela ainda ficou para cuidar da parte burocrática hospitalar. Assim que chegamos no apartamento, Fabiano estava, invariavelmente, no estúdio. O chamei para almoçar e, depois, nos acomodamos na sala de tevê. Assistimos *Nise, o coração da loucura*, um longa-metragem competente em retratar como a arte pode mudar vidas. Vitória chorou algumas vezes durante o filme, Fabiano, com uma feição de absoluto tédio aguentou até o final e eu, satisfeita por sentir o peso da cabeça de Vitória em meu ombro e a imagem de Fabiano largado, na chaise long ao lado, me deixei imergir na história contada na tela. Assim que o filme acabou, voltamos para a sala.

— Fabiano, se quiser pintar agora a tarde, fique à vontade. Eu vou deitar um pouco porque estou com uma leve dor de cabeça e não vou forçar para ficar pior – anunciei.

— Tá bom. Vou terminar meu quadro.

— Melhor irmos embora, não? – perguntou Vitória preocupada. – Assim você consegue descansar melhor.

— Claro que não. É só uma dor boba, logo passa. Já até pedi para as meninas prepararem o quarto de Fabiano.

— Eu vou ter um quarto aqui? – perguntou o garoto, desconfiado.

— Sim, você pode deixar algumas coisas aqui, assim não precisa ficar carregando o tempo todo. Vem, vou te mostrar.

— Jordana...

— O seu é comigo – sussurrei para Vitória, exibindo um sorriso.

Seguimos pelo corredor que levava aos quartos até parar na frente da porta. Fabiano abriu e entrou, analisou criticamente antes de se virar para Vitória e eu com um sorriso no rosto.

— Gostei! Pode ser meu quarto definitivo quando vocês casarem.

— Fabiano!

— Ele não deixa de ter razão – sorri de volta. – Fique à vontade. Qualquer coisa que precisar, pode chamar no quarto no final do corredor ou pedir para Pâmela.

Fabiano concordou com um aceno e enlacei Vitória, guiando-a para o meu quarto, enquanto o garoto fechava a porta.

— Ele pode acabar se acostumando mal, Jordana.

— Eu sei – respondi ao abrir a porta do meu aposento. – E aqui, nosso quarto. Eu quero vocês o tempo todo comigo. Não é pedir demais, é?

— É tudo tão recente e tão acelerado!

— Já vamos fazer um mês juntas. Tirando pela média de tempo que tenho, é...

— Quieta! – interrompeu Vitória. – Você não sabe a média de tempo que possuí, tá bom. Eu quero que tire esse pensamento negativo da sua cabeça. Tudo vai dar certo.

— Eu vou tirar – concordei abraçando-a para beijá-la em seguida. – Quer namorar comigo?

Vitória se afastou para enxergar meus olhos. Mordeu o lábio inferior, tentando conter uma risadinha.

— É claro que eu quero!

— Não é o pedido mais romântico do mundo, mas é o momento certo. Ter vocês dois é o que tem preenchido meus dias de alegria e eu sei que Fabiano também está contente. Seus olhos também não me negam isso.

— Você é a melhor coisa que apareceu em nossas vidas. Obrigada.

Beijei Vitória como resposta. Devagar nos acomodamos na cama, ainda de lábios colados e nossas mãos se descobriram novamente. A dor de cabeça foi esquecida, dando lugar a excitação que sentia. Nos amamos intensamente, pela primeira vez como namoradas. Cada parte do meu corpo buscava o seu com uma necessidade intensa de senti-la por completo. Me alojei no meio de suas pernas provando-a com fome, desejo. Voltei a escalá-la e a beijei, enquanto minha mão ocupava o lugar da boca. Abafei seus gemidos com meus lábios e, num ritmo cadenciado e prazeroso, nos entregamos a um gozo.

Durante o restante da tarde, ficamos no quarto, nos amando. Quando o relógio marcou sete da noite, me levantei para pegar água para nós. Ao voltar ao quarto, encontrei Vitória apoiada em apenas um braço, estendida na cama com o lençol cobrindo,

parcialmente sua nudez. Seus seios redondos estavam à mostra, o rosto ligeiramente corado pelo prazer e os cabelos caindo como uma cascata ao redor do seu rosto. Eu tinha aberto o roupão para voltar para a cama, mas tornei a amarrá-lo.

— Não se mova – pedi, dando um passo para trás.

— O que foi?

— Eu quero lhe pintar assim. Exatamente assim.

— Eu tenho que ver Fabiano...

— Ele está dormindo. Agarrou no sono enquanto assistia alguma coisa no quarto.

— Você vai me pintar agora?

— Se me permitir.

— Ok. Vá buscar suas tintas e tela.

Abri um sorriso satisfeita e sai do quarto, andando apressada até o estúdio. Peguei uma tela grande e um cavalete e levei para o quarto, retornando apenas para pegar as tintas. Como uma boa modelo, Vitória não tinha se movido do lugar. Tirei uma foto, antes de iniciar a pintura e fiquei frente à tela, fazendo o pincel deslizar suavemente.

— Nós podemos conversar enquanto isso? Ou atrapalha o processo criativo?

— Podemos conversar – respondi, sorrindo. – Sobre o que quer conversar?

— Não sei, qualquer bobagem. Você me disse que não tem família, não é?

— Não. Fui criada pelos meus avós. Não conheci meu pai e minha mãe não tinha muito talento para a maternidade. Casou com um cara qualquer e me deixou à própria sorte. Nunca mais tive notícias dela. Meus avós morreram quando tinha vinte e seis anos.

— Algum acidente?

— Não. Minha avó morreu de uma parada cardíaca e meu avô morreu de saudades dela.

— Como assim?

— Minha vó faleceu em janeiro, uma parada cardiorrespiratória. Um mês depois meu vô faleceu enquanto dormia. O coração dele parou de bater. Ele morreu de saudade, não conseguiu ficar sem ela.

— É triste, porém é lindo.

— Eles ficaram quarenta e nove anos juntos. Uma vida.

— Me conta sobre eles.

Adentramos a noite enquanto narrava a história dos meus avós a Vitória. Não interrompi a pintura, e o trabalho fluiu por um longo tempo. Interrompi quando a morena se mexeu, sentando-se na cama.

— Meu braço está dolorido – sorriu.

— Depois continuamos. Não tem problema – respondi deixando a paleta de tinta sobre um móvel junto com os pincéis. – Deixa eu fazer uma massagem nele.

Vitória se ajeitou e eu me sentei na cama, atrás do seu corpo. Ela se encostou em mim e peguei seu braço, massageando lentamente com uma mão.

— Será que sempre seremos assim? Como no primeiro dia de namoro?

— Se depender de mim, será melhor.

E tentei, de fato, fazer melhor. Naquele dia não voltei mais a pintá-la, mas no dia seguinte ela voltou a posar para mim na mesma posição. Dois dias depois, fomos para o Rio de Janeiro, onde apresentei a cidade para Fabiano e Vitória. Conhecemos o museu Nacional de belas artes e o Museu do Amanhã. Nos divertimos em Ipanema e em Copacabana, aproveitamos um pouco da noite nos arcos da Lapa. Foram dois dias intensos e extremamente prazerosos. Mais uma vez me disseram que tínhamos uma linda família e, naquela altura, concordei. Eu tinha, de fato, uma família linda.

Na volta da viagem Vitória e eu nos sentamos com Fabiano e expliquei a ele a minha doença. Ele se mostrou um grande otimista, traço que, com certeza, herdou da mãe. No dia seguinte, um antes da cirurgia, passei o tempo todo com Vitória, buscando a força que precisava para encarar a cirurgia decisiva em minha vida. Dormi agarrada a ela, literalmente, pois poderia ser minha última vez.

Na manhã da cirurgia, cheguei ao hospital às oito horas da manhã. O procedimento estava marcado para as dez da manhã, mas tinha que fazer a internação e preparo antes. Fabiano havia ido para a escola e de lá iria para a casa do pai e Vitória estava ao meu

lado. Tinha avisado sua chefe de que se ausentaria por três dias seguidos, nos dois empregos. Confesso que comecei a suar frio quando fui encaminhada ao quarto em que ficaria, após a saída da U.T.I. Esperava conseguir realmente voltar para aquele quarto o quanto antes.

— Bom dia, Jordana, Vitória – cumprimentou Gabriel ao entrar. – Estamos com quase tudo pronto já. A enfermeira vai começar a arrumá-la e logo te levaremos para o centro cirúrgico.

— Ok.

— Você irá acompanhar, certo, Vitória?

— Vou. Se isso não atrapalhar a equipe.

— Trouxe seu coren?

— Está aqui – respondeu entregando a ele.

— Ok. Vem, vamos nos arrumar.

— Só um minuto, doutor – pediu Vitória.

Gabriel entendeu seu pedido e saiu do quarto. Pâmela também nos deixou à sós.

— Eu ficarei do seu lado o tempo todo, ok? Não só na sala de cirurgia, mas nesse quarto também, na sua casa quando for liberada. Eu estou do seu lado.

— Obrigada, linda.

— Vai dar tudo certo. Tenho certeza que essa cirurgia irá trazer um resultado muito positivo. Não quero que fique assustada ou com medo. Tudo dará certo.

— Eu sei. De qualquer forma, já quero lhe avisar que mudei meu testamento essa semana. Apenas para que fique ciente.

— Pode ter certeza que não será preciso fazer leitura dele por tão cedo.

— Espero que não. Ainda quero viver muita coisa com você.

— E iremos. Não se preocupe.

Vitória me beijou, apaixonada, antes de se afastar e sair do quarto. Me sentei na maca e baixei a cabeça, deixando o medo que estava sentindo sair. Em minutos a enfermeira apareceu e cortou todo meu cabelo do lado esquerdo, passou uma maquininha e, por último, uma lâmina. Coloquei as roupas que ela havia me indicado, depois de me limpar e sentei na cadeira de rodas que me levaria até

o centro cirúrgico. Assim que entrei, enxerguei a equipe reunida, mas meus olhos se fixaram apenas em Vitória.

— Nós vamos vencer – ela sussurrou ao pegar minhas mãos.

— Nós vamos – sussurrei de volta, buscando acalanto em seus olhos.

Capítulo 11 – Primeira Batalha

Eu não sei exatamente como falar sobre o que senti naquele momento tão crucial na minha vida. Estava ligada a uma infinidade de fios, um soro em meu braço, um tecido em minha cabeça, tudo estava confuso enquanto estava deitada naquela mesa de cirurgia. A única coisa que conseguia enxergar eram os olhos de Vitória, que conversavam comigo, transmitindo confiança sem que precisasse pronunciar uma palavra sequer. Ela ficou próxima a mesa, um pouco mais para baixo, mas com a mão devidamente grudada na minha. Não tínhamos como conversar direito, por conta de todo o barulho e tensão, mas havia sua presença e, naquele momento, me bastava.

O procedimento começou e não senti absolutamente nada. Nem mesmo uma pressão na cabeça. A verdade era que depois da anestesia, nem a mão de Vitória não sentia mais. O barulho do lugar me deixou aflita, principalmente o barulho da serra para cortar meu crânio. É um som que nunca vou esquecer na vida. Durante todo momento Gabriel ficou me perguntando coisas, testando meus sinais. Não sei exatamente o tempo de cirurgia, mas depois do que me pareceu uma eternidade, Gabriel anunciou que havia finalizado. O médico terminou o procedimento, fechando minha cabeça, e depois saiu da sala.

Vitória também teve que sair, mas antes que o fizesse, tirou a máscara do rosto e me deu um beijo nos lábios. Eu queria tanto sentir sua boca naquele momento, mas tinha convicção de que a sentiria depois. Ainda não sabia por quanto tempo, mas sentiria.

Fui para a U.T.I para a devida recuperação. Ali, fiquei quieta, esperando que um rosto familiar aparecesse, além das enfermeiras que me cuidavam. Em pouco tempo, Gabriel apareceu.

— Olá, Jordana – falou ao se aproximar da cama. – Como está se sentindo?

— Meio tonta ainda. Muito tonta, na verdade.

— É normal. Ainda está sob o efeito da anestesia. Acompanhe meu dedo.

Gabriel posicionou o indicador próximo ao meu nariz e balançou de um lado para o outro, para cima e para baixo. Acompanhei com os olhos, vendo um leve sorriso surgir em seu rosto. Parecia satisfeito.

— Seus reflexos estão muito bons. Isso é importante. Descanse, amanhã pela manhã eu farei uma nova consulta e posso te avaliar melhor.

— E Vitória?

— Eu vou permitir que ela entre, mas ela não pode passar a noite aqui. A partir de amanhã, dependendo da forma como seu corpo reagir, eu te transfiro para um quarto, ainda na unidade intensiva, onde ela pode ficar com você.

— Está certo. Ela também está cansada, passou o dia aqui comigo.

— Sim.

— Qual a minha chance agora?

— Ainda está cedo para falar sobre isso, mas tiramos uma grande parte da massa que estava fazendo pressão na massa encefálica.

— Grande parte não significa tudo.

— Significa que sua cirurgia, no caráter exploratório, foi muito bem-sucedida. Diminuímos o tumor, com a análise da amostra, e de acordo com os resultados, vamos conduzir o tratamento de quimioterapia e radioterapia.

Suspirei fundo e desviei os olhos, me concentrando no teto. A cirurgia era apenas um começo, um primeiro passo. Ainda teria muita coisa pela frente, na luta contra o câncer.

— É câncer? – pronunciei a palavra que havia evitado desde a descoberta do tumor.

— Será feita a biopsia. É um tumor. Não sabemos ainda se é maligno ou benigno. Descanse. Não pense nisso agora.

Concordei com um aceno e o vi sair do quarto. Suspirei fundo e olhei para o monitor ao lado, que apresentava meus sinais cardíacos. Minha mente desviou para minha vida pregressa, coisas que tinha vivido, a minha adolescência louca de bebidas e cigarros enquanto pintava muros na cidade, meu começo de vida adulta, já sendo reconhecida e, com isso, tendo várias parceiras sexuais das

quais a maioria não lembrava nome ou rosto. Meu único casamento que havia durado seis anos até ela me trair com sua chefe. Depois, a fuga para a Itália, Ylena, a modelo que tinha me convencido que quem tinha perdido era minha ex mulher, minha volta para o Brasil, o diagnóstico e, agora, Vitória. Um sopro de vida em um momento tão crucial.

Me virei para a porta, quando escutei ser aberta. Vitória entrou e me presenteou com seu lindo sorriso.

— Oi linda! Como está se sentindo?

— Anestesiada ainda – respondi tentando corresponder seu sorriso. Sabia que estava toda torta por causa da anestesia.

— Logo passa esse efeito – ela comentou ao se debruçar sobre a cama para me dar um beijo.

— Você vai pra casa, não vai?

— Vou. Tenho que ir ver Fabiano, pegar umas roupas. Amanhã, bem cedo, estarei de volta.

— Marcelo está à sua disposição. Fale com Pâmela, caso tenha algum problema.

— Não precisa, anjo, eu...

— Por favor – interrompi. – Você está cansada para pegar uma condução agora e ficarei mais tranquila.

— E Pâmela?

— Ela tem carro, pode pegar táxi se não quiser dirigir.

— Tudo bem. E você trate de descansar, ok? Qualquer coisa peça para uma das enfermeiras me ligar e volto imediatamente.

Vitória ainda ficou alguns minutos comigo, antes de se despedir e sair do quarto. Relaxei contra o travesseiro e me permiti resvalar para um sono profundo.

Minha noite não foi das melhores. A todo momento acordava, incomodada com a posição de dormir, outras por causa das medicações. Estava sendo mantida na base da morfina, para não sentir dores excruciantes, mas absolutamente tudo me incomodava. As sondas, o acesso, o cheiro. A noite parecia sem fim.

Quando o dia amanheceu, consegui dormir um pouco. Acordei com o café da manhã e depois dei outro cochilo para ser acordada com a troca do quarto. O novo ambiente era bem melhor e mais

aconchegante, mesmo que ainda fosse no tratamento intensivo. O que me fez agradecer a mudança, foi ver Vitória já me esperando.

— Bom dia, linda – ela cumprimentou ao me dar um beijo.

— Bom dia – respondi, com um sorriso.

— Como passou a noite?

— Horrível – fui sincera. – Sem posição confortável para dormir, essas sondas me incomodando, cabeça completamente zonzinha por causa da medicação forte.

— As primeiras horas são sempre as piores mesmo, mas agora você vai ficar bem. Estarei ao seu lado sempre.

— Obrigada. E Fabiano?

— Foi pra escola, agora de manhã, à tarde vai ficar com minha mãe. Quer saber se pode vim te visitar.

— É claro! Quando ele puder. Não vou para lugar algum, mesmo – tentei fazer piada.

Vitória sorriu e voltou a me beijar. Alguns minutos depois foi a vez de Gabriel aparecer, falando sobre a cirurgia e a conduta adotada a partir daquele momento.

— Recebi o resultado da biopsia, o tumor é maligno – ele anunciou sem qualquer preâmbulo. – Não vou tentar amenizar isso, mas quero lhe garantir que tem excelentes chances.

— Com câncer eu tenho excelentes chances?

— Sim. Tiramos mais da metade do tumor, onde estava a maior pressão, agora vamos esperar que se recupere da cirurgia e já vamos iniciar a quimio. Passamos por uma batalha, a guerra ainda está longe de terminar.

Concordei com um aceno e apertei a mão de Vitória, repousada na minha. Ela me daria a força que precisava para seguir adiante.

Durante os dois dias seguintes, ainda permaneci na U.T.I antes de ser liberada para o quarto. Segundo Gabriel, minha recuperação estava muito satisfatória. Vitória ficava comigo durante o dia e Pâmela durante a noite. Fabiano foi me visitar, no segundo dia no quarto, e ficou me contando sobre as coisas que estava fazendo em minha ausência, externando que não via a hora de poder voltar a pintar com ele. Era o que mais queria: poder voltar a me sentar ao seu lado e nos perder na arte. Depois de cinco dias, questionei Vitória, acerca de seu trabalho.

— Eu peguei férias no Pro Mater. Pedi para minha supervisora adiantar. Só estou indo para o Beneficência à noite.

— Eu vou precisar contratar uma enfermeira. Ainda tem o tempo de recuperação da cirurgia, depois, a quimio, vou precisar de um acompanhamento diferenciado.

— Sim, é importante. Conheço algumas enfermeiras, caso precise de uma indicação.

— Que tal você?

— Eu? Linda, isso...

— Isso é proveitoso – cortei. – Você me conhece bem, já conhece minha rotina e meu jeito. Eu sei que não é do seu feitio aceitar ser bancada, na verdade nem faria isso, estou pagando pelos seus serviços profissionais como enfermeira.

— E como funcionaria?

— Eu pago o valor que daria sua rescisão nos hospitais. São oito anos, não é justo que você fique sem essa segurança. Acertamos um salário que cubra o que recebia nos dois hospitais. Não precisa me dar uma resposta agora. Pense sobre isso.

— Ainda tenho mais vinte dias de férias. Vamos cuidar de uma coisa por vez.

Concordei com um sorriso e desviamos a conversa para assuntos banais. Torcia para que ela aceitasse minha oferta. Seria muito bom ter sua presença o tempo todo.

Minha recuperação no hospital foi satisfatória, segundo Gabriel. Com seis dias voltei para casa e fiquei em repouso absoluto. Vitória ficou comigo o tempo todo, se ausentando apenas quando tinha plantão no hospital. Praticamente havia se mudado para minha casa, e o mesmo aconteceu com Fabiano, por insistência minha. Ele sempre passava grande parte do tempo no meu estúdio e sempre vinha me mostrar o que estava pintando. Munhoz foi me visitar no segundo dia de minha alta e levou Fabiano para uma conversa séria, da mesma forma como havia feito comigo no passado, pedindo a ele que se dedicasse a arte. Não precisava nem de pedido, estava no DNA de Fabiano, assim como estava no meu e, era nesses momentos, que me sentia mãe dele.

Durante os dias seguintes, meu retorno ao médico foi constante. Gabriel estava otimista e me disse que com o tratamento com a

químico, meu tempo de vida havia se esticado, sem demarcar datas. Poderia viver mais cinco, dez, quinze anos. Tudo ia depender da resposta do meu organismo ao tratamento. Eu estava feliz. Mais feliz do que poderia julgar com aquela notícia. Naquela noite comemorei com Vitória, e pela primeira vez, desde a cirurgia, fizemos amor. Não havia pressa, não havia uma busca louca pela satisfação, tínhamos tempo para fazermos planos, planejar viagens, uma vida. A vida que havia renegado e que ela tinha feito eu me dar uma segunda chance.

Capítulo 12 – Hopi Hari

Com vinte dias da cirurgia já me sentia bem melhor. Andava pela casa, dava pequenos passeios e, o mais importante, tinha voltado a pintar. Passava horas com Fabiano, ensinando-o ao mesmo tempo em que fazia o que mais amava. Tínhamos criado um laço de cumplicidade que era impossível explicar. Era como se já nos conhecêssemos, antes mesmo de nos encontrarmos. Falávamos a mesma língua, apesar da diferença de idade, tínhamos as mesmas ideias, uma fome de conhecimento que nos jogava em conversas que jamais imaginei ter com um garoto de quatorze anos.

Estava deitada, com Vitória aconchegada em meus braços. Havíamos acabado de acordar e adorava ter aqueles momentos de preguiça matutina ao seu lado.

— Amanhã é o aniversário de Fabiano – falou enquanto acariciava meu braço. – Temos que fazer alguma coisa para ele?

— Amanhã? Por que não me disse antes? Temos que ir comprar os presentes hoje.

— Não faço ideia do que dar a ele. A última vez dei roupas e ele me chamou de pouco original. Posso com isso?!

— Nessa idade a melhor coisa é perguntar o que ele quer. Não corre o risco de errar.

— Ele vai me responder uma coisa absurda. Não quero correr o risco de dizer não a ele.

— Nós damos juntas, se for uma coisa muito absurda – falei enquanto minha mão percorria seu corpo nu. – O que ele pediu de caro, da última vez?

— Um videogame. Um Xbox com um monte de nome em inglês que não entendi metade.

— E o que mais?

— Acha pouco? Quando fui conferir o preço estava mais de três mil.

— Fabiano não parece o tipo que vai se entreter muito com videogame.

— E não vai mesmo. Ele perde o interesse fácil.

— Vamos tomar café, perguntamos o que ele quer e aí compramos.

— Jordana, não é...

— Não vai questionar o presente que darei a um garoto que considero um filho, não é? – interrompi.

— Não, não vou – riu Vitória. – Acho que já se tornou meio mãe dele também.

— Me sinto às vezes – fui sincera. – Temos tanto em comum. Já lhe disse que me falaram que somos uma linda família, não é? Não foi uma e nem duas vezes.

— Você falou. Isso é tão...

— Tão o que?

— Surreal. Uma mulher como você, diferente em todos os sentidos, junto com a gente, é incrível. Às vezes me pergunto o que fiz de bom para merecer todo esse privilégio.

— É uma mulher linda, inteligente, do bem, batalhadora. Pode ter certeza que esse privilégio é meu.

— Nós somos um casal grudento!

— Foi de tanto eu falar que nunca seria grudenta com mulher alguma. Estou pagando minha língua – sorri, buscando sua boca para um beijo.

— Então não seremos mais grudentas.

— Nem pensar! Vem, vamos tomar um banho, falar com Fabiano e planejar nosso final de semana.

— Alguma coisa em mente?

— Nada específico.

Me levantei da cama e Vitória me acompanhou para o banheiro. Entramos em uma ducha demorada e, depois de uma hora, saímos do quarto. Ao passar pelo corredor, bati na porta de Fabiano. Abri depois de sua autorização.

— Bom dia – cumprimentei enxergando-o mexendo no celular. – Já tomou café da manhã?

— Ainda não. Bom dia, mãe.

— Bom dia, filho – respondeu Vitória ao meu lado. – Vamos tomar café. Depois quero que arrume a bagunça desse quarto, Fabiano. Desde quando esse copo está aqui?

— Peguei ontem à noite – respondeu se levantando. – Depois eu ajeito tudo.

Me mantive em silêncio, apenas apreciando enquanto Vitória dava uma leve bronca no filho. Saímos juntos para a cozinha e cumprimentei Carmem, funcionária da casa, que terminava de colocar a mesa.

— Jordana, a professora me pediu esse livro – falou Fabiano esticando um papel na minha direção. – Temos que ler durante as férias para fazer uma prova de final de ano.

Peguei o papel sob um olhar questionador de Vitória. Li o título, um livro de Machado de Assis, O alienista.

— Mais tarde passamos em uma livraria – respondi ao deixar o papel de lado. – Já pensou no que vai querer de aniversário?

— Posso pedir qualquer coisa?

— Não pode carro, morar sozinho, viajar sozinho...

— Nada caro, Fabiano – Vitória foi direta.

— Queria ir no Hopi Hari. Nunca fui.

— O que é Hopi Hari? – perguntei me virando para Vitória.

— Sério que não sabe o que é o Hopi Hari?

— Não. É um parque?

— É – riu Fabiano. – É um parque de diversões. Tipo quando tinha o Playcenter aqui em São Paulo.

— Do Playcenter eu lembro. Baguncei muito lá na adolescência. Podemos ir. Fica em qual estado? Se é que fica aqui no Brasil.

— Nossa, Jordana! – riu Vitória. – Fica em Vinhedo. Uma hora daqui de São Paulo.

— Você tava presa em uma fenda temporal, é isso? – Fabiano me zuou. – Já tem quase vinte anos que o parque funciona.

— Munhoz me levou para estudar história da arte na Europa com dezoito anos. Quando voltei para o Brasil, já estava mais fechada para a diversão – expliquei dando ombros. – Acabei não conhecendo muita coisa.

— Podemos conhecer juntos! Tem uma montanha russa que passa por baixo da pista. É muito foda!

— Podemos ir. Vou pedir para Pâmela providenciar para nós. Amanhã...

— Deixa a Pâmela curtir o final de semana – cortou Vitória. – É só ir até Vinhedo de manhã, compramos o ingresso na portaria e entramos. E a senhorita não vai poder ir na maioria dos brinquedos. Não pode sofrer nenhum tranco forte na cabeça.

— Não se preocupe. Não vou fazer nada que possa comprometer a cirurgia.

— Vamos amanhã? – perguntou Fabiano entusiasmado.

— Vamos amanhã – concordei. – Quer levar um amigo? Ou dois, não sei. Sua turma.

— Pode?

— Até três.

— Jordana... – balbuciou Vitória.

— A Mirela, o Fabricio e o Lucas – interrompeu Fabiano.

— Você faz contato com a mãe dessas crianças, Vitória? – perguntei me virando para a morena.

— Fabricio e Lucas são irmãos gêmeos. Moram lá na rua de casa. Essa Mirela eu não conheço. Quem é ela, Fabiano?

— Estuda lá na escola. Ela anda com a gente. Tá na mesma sala que eu.

— Depois você me passa o telefone dela. Vou ligar pra ela e pedir para falar com a mãe dela.

— Tá bom.

Depois de acertado nosso passeio no dia seguinte, terminamos de tomar café e anunciei que íamos ao shopping, comprar o livro para Fabiano e almoçar fora. Vitória pediu que ele fosse arrumar o quarto e se arrumar para sairmos. Eu segui com ela, até nosso quarto.

— Fabiano tem uma namoradinha – falei me sentando na cama.

— Ele não é louco.

— Ele vai fazer quinze anos amanhã. É claro que ele já ficou com meninas, que está começando a desenvolver interesse sexual. Os hormônios estão correndo loucos pelo seu corpo.

— Já está virando um rapaz, né? – comentou com um meio sorriso. – Amanhã vou ficar de olho nessa vadiazinha que está seduzindo meu filho.

— Mamãe ciumenta! – ri ao puxá-la para um beijo. – É só a primeira de muitas. Fabiano irá se tornar um homem lindo!

— Que Deus me ajude!

Puxei Vitória para um beijo e ficamos namorando durante um tempo, antes que Fabiano viesse bater em nossa porta, informando que já estava pronto. Do carro mesmo, Vitória ligou para a mãe dos meninos, primeiro, deixando Mirela por último. Com esta, conversou através de uma vídeo chamada, visto que não conhecia a mãe da menina. Informei que um carro os pegaria pela manhã, no dia seguinte. Fabiano, no banco da frente, estava radiante e eu estava também, por tabela, por poder lhe proporcionar aquele aniversário.

No shopping fomos para a livraria, onde Fabiano comprou o livro que precisava para o colégio. Junto, outros três títulos à revelia de Vitória. Ainda passamos em lojas de roupas e calçados para ele. Era seu aniversário e queria lhe proporcionar tudo aquilo. Almoçamos na praça de alimentação mesmo e, depois de deixarmos as sacolas no carro, fomos para o cinema. A noite já havia caído quando retornamos para casa.

— Fabiano, banho! – exortou Vitória assim que entramos. – E você, banho também e vai descansar. Andamos demais.

— Não me cansou em nada – respondi dando um beijo em seus lábios. – Vem tomar um banho comigo. Relaxar na hidro um pouco.

— Irrecusável!

Na manhã do dia seguinte, uma onda de vozes adolescentes tomou conta do apartamento. Pedi que Marcelo fosse buscá-los e nos encontramos em casa para a saída. Não pude deixar o olhar brilhando de Fabiano ao ver Mirela. Era uma garota bonita, quatorze anos, e toda tímida. Nerd como Fabiano. Os meninos já eram mais expansivos, falando pelos cotovelos. Pedi a Pâmela que fosse com a gente e nos dividimos nos carros. Pâmela, levou os adolescentes barulhentos e eu fui com Vitória, junto com Marcelo.

Passamos um dia agradável no parque. As crianças, em determinada hora, nos deram um perdido, indo se divertir sem os adultos por perto. Já era quase final da tarde quando nos encontramos novamente para comer. Pâmela e Marcelo ficaram o tempo todo conosco, também se divertindo nos brinquedos que, para mim, haviam sido projetados por um louco para outras pessoas igualmente loucas. O que estava me deixando, realmente satisfeita naquele domingo, era o sorriso sincero de Fabiano, o jeito como

estava a se divertir com os amigos. Cutuquei Vitória para que ela visse como o garoto era atencioso com Mirela, segurando sua mão discretamente, acreditando que não estávamos vendo. Estava presenciando o nascimento do primeiro amor do garoto que, para mim, já era como um filho.

Na segunda feira pela manhã, tinha consulta agendada. Chegamos ao hospital e fomos para a sala de Gabriel, que já me aguardava com outra médica.

— Bom dia, Jordana! Como tem passado?

— Bem, na verdade. Estou me sentindo muito bem – respondi sincera.

— Isso é ótimo. Essa é a doutora Ana Carolina. Ela vai nos acompanhar nessa próxima fase do tratamento. Seus exames foram muito positivos e já vamos entrar com a quimioterapia, combinado com a radio para...

Não sei por qual motivo aquilo acontecia, mas toda vez que Gabriel começava a explicar como procederia com o meu tratamento, eu simplesmente desligava. Vitória ao meu lado prestava atenção ao que o médico falava, mas eu estava totalmente alheia, pensando no final de semana excelente que havia tido, na felicidade de Fabiano de poder curtir com os amigos um dia no parque. Me lembrava perfeitamente das caras e bocas que Vitória fazia para Mirela sem que a menina a visse. Vitória não seria o tipo de sogra fácil. Pelo menos aparentava isso.

— Jordana?

— Sim.

— Escutou o que dissemos? – perguntou Ana Carolina.

— Sim – menti. – Quando começam as aplicações.

— Amanhã você já recebe a primeira dose.

Concordei com um meio sorriso e senti a mão de Vitória apertar a minha. Era só mais uma batalha, na minha guerra particular contra o câncer.

Capítulo 13 - Quimioterapia

Cheguei no centro de oncologia, da unidade do Sírio, no Itaim, já era nove horas da manhã. Ana Carolina já estava presente e me apresentou o local, me mostrando as acomodações individuais para a infusão da quimio. Vitória, ao meu lado, como sempre estava mais atenta que eu, prestando atenção aos detalhes técnicos. Me sentei na poltrona indicada e não demorou para que uma enfermeira aparecesse, colocando um acesso no meu braço. Mais alguns minutos e Ana Carolina voltou para o nosso lado, junto com a enfermeira.

— Bom, vamos começar – ela falou sentando-se ao meu lado. – Há algumas coisas que vou lhe passar sobre o processo e efeitos colaterais. O seu tratamento é um pouco mais agressivo, então vai acontecer a perda de cabelo, que é uma das primeiras perguntas que geralmente me fazem. Porém, com o fim do tratamento, eles voltarão a crescer normalmente. É importante também que evite aglomerações, bichos de estimação nas primeiras semanas, porque ficará muito suscetível a contrair algum vírus ou doença, visto que sua imunidade será bastante comprometida. No quesito sexual, pode ser que sinta uma redução da libido, mas não há contraindicação para o sexo.

— Posso continuar a pintar?

— Sim. Quanto a isso não existe restrições. Você pode sentir náuseas, tonturas, vômitos, isso também faz parte do tratamento, mas com o fim dele, todos esses efeitos passarão.

— Quanto ao cabelo já não tenho metade – dei um sorriso mórbido. – O que é perder a outra parte, não é?

— Vai dar tudo certo, não desanime! Se sentir qualquer coisa, me avise.

Apenas concordei com um aceno e a enfermeira conectou as drogas no acesso. Vitória pegou minha mão e ficou fazendo carinhos, durante um longo tempo. Eu me limitei a fechar os olhos e repousar contra a poltrona em absoluto silêncio. Vitória respeitou meu momento e ficamos conectadas apenas por presença.

— Estou enjoada – falei abrindo os olhos e me virando para Vitória.

— Já tem um balde aqui. Se for vomitar, já me avisa.

— Não vou vomitar na sua frente.

— Eu sou enfermeira, linda, não precisa ficar com frescura.

— Terei um pouco de compostura.

Vitória se limitou a sorrir na minha direção e eu tornei a fechar os olhos. O incomodo ainda permaneceu por toda a aplicação e assim que terminou, Ana Carolina voltou para falar conosco. relatei apenas o incomodo no estômago e, com alguns minutos de observação, fui liberada para ir para casa. A enfermeira apareceu, tirando o acesso do braço.

— Viu?! Eu disse que não ia vomitar com você...

Não terminei de completar a frase. A bílis subiu pela garganta e automaticamente levei a mão a boca, procurando o balde. Me abaixei sobre ele, colocando todo o mal-estar para fora. Vitória colocou um lenço de papel na minha mão e limpei a boca, antes de levantar.

— Isso é patético – suspirei revirando os olhos. – Me desculpe.

— Você não tem que me pedir desculpas por nada, ok?

— Acho que levantei rápido demais. Estou tonta.

— Senta aqui.

Obedeci Vitória e fiquei observando enquanto ela pegava um copo de água para me dar em seguida. Bebi todo o liquido e voltei a me encostar na poltrona, até que o mal-estar passasse. Ana Carolina voltou a ter conosco e informou que aqueles sintomas eram normais de acontecer, visto que minha dosagem de drogas era forte.

Com quarenta minutos me senti melhor para ir para casa. Assim que cheguei no apartamento, fui para o quarto e tomei um rápido banho antes de me deitar. Vitória me deixou descansar e acordei somente no período da tarde. Sai da cama e passei pelos cômodos, procurando por alguém. Fabiano estava no estúdio, e me mostrou a tela que havia terminado de pintar. Depois de alguns minutos com o garoto, sai atrás de Vitória e a encontrei na cozinha, junto com Carmem, Pâmela e uma mulher desconhecida.

— Oi linda – Vitória falou ao me ver. – Está com fome?

— Um pouco – respondi me aproximando delas. – Boa tarde.

— Essa é Kelly, nutricionista que vai nos orientar sobre sua dieta durante o seu tratamento.

— Boa tarde, Jordana, é um prazer conhece-la – respondeu Kelly simpática. – Vamos preparar um cardápio para você, respeitando suas restrições alimentares, mas sem perca de variedades e sabor.

— Obrigada – respondi com um sorriso. – Podemos falar um minuto, Vitória?

A morena concordou e saiu ao meu lado para o corredor. Assim que chegamos na sala, me virei para ela.

— Como assim, uma nutricionista?

— É importante que tenha uma. Ela vai conversar com a doutora Ana Carolina para saber das suas restrições e vai elaborar um cardápio pra você. Também vai orientar Carmem quanto ao preparo. A fase agora é se cuidar.

— Foi uma ideia sua?

— Sim. Pâmela me ajudou a encontrá-la.

Abracei Vitória e não pude deixar de me emocionar com a forma como ela estava cuidando de tudo para que eu me sentisse confortável. Ela se afastou e beijou meus lábios, ao mesmo tempo em que secava a lágrima que havia rolado em meu rosto.

— Obrigada por tudo – sussurrei com a testa colada na sua.

— Se concentre em ficar boa, é só isso que lhe peço – respondeu voltando a me beijar. – Eu preciso dar uma saída agora a tarde, mas volto ainda para o jantar. Acredito que resolvo rápido.

— Tudo bem. Se quiser, pede para Marcelo lhe levar. Mas isso se não for incômodo. Não quero que pense que estou vigiando seus passos.

— Não, ele fica aqui, caso tenha alguma emergência. Eu vou no Pro Mater pedir demissão. Hoje, tecnicamente, era minha volta ao trabalho.

— Você aceita ficar aqui?

— Aceito. Mas tem uma condição: vou sair dos trabalhos enquanto está em tratamento. Depois que terminar, eu vou voltar a trabalhar na minha área.

— Tudo bem.

— Eu vou terminar de conversar com Kelly e daqui a pouco saio. Não vá fazer nenhuma arte, ok?!

— Prometo que não!

Como havia prometido, fiquei quieta no estúdio, junto com Fabiano, durante a ausência de Vitória. Somente no fim do dia que recebi a visita de Munhoz, me informando que o quadro já tinha sido leiloadado na *Sotheby's*, alcançando um dos maiores valores pagos a uma artista viva. Já rolava, nos bastidores da arte, que estava lutando contra o câncer, o que automaticamente fazia com que minhas obras aumentassem de valor exponencialmente. Uma artista a beira da morte: o apelo comercial era gigantesco.

Vitória chegou antes do jantar e ainda ficamos um tempo conversando e se curtindo no quarto, antes de nos reunirmos à mesa.

— Jordana, posso ir no cinema, amanhã, com Mirela? — perguntou Fabiano entre uma garfada e outra.

Olhei para Vitória em busca de auxílio e ela me devolveu o olhar, com um sorriso incrédulo.

— Fabiano, eu ainda sou sua mãe, tá? Você pode pedir as coisas pra mim.

— Eu sei. Jordana agora faz parte, né? Estamos mais morando aqui do que em casa.

— Faz, filho, ela faz parte de nossas vidas, o que não significa que ela tem responsabilidades sobre você.

— Mas eu posso ir?

— Com Mirela?

— É mãe!

Vitória suspirou fundo e eu dei um discreto riso.

— Pode, Fabiano — respondi, por fim. — Que horas vocês vão?

— Depois da escola.

— Ok. Quando saírem da sessão, manda mensagem que peço para Marcelo ir buscar vocês.

— Obrigado!

Vitória olhou para mim, torcendo o lábio, mas não falou nada. Aproveitei que ela foi até o quarto, depois do jantar, e dei dinheiro a Fabiano para que ele pudesse se divertir com a namoradinha. Segui para o aposento, encontrando a morena saindo do banho.

— Eu disse que ele está namorando – falei com uma risadinha ao enlaçá-la. – Se acostume, pois, você é a nova sogra do pedaço.

— Você acha que eu posso com isso?! Fabiano levando uma garota ao cinema!

— Ah, são bonitinhos! Ele está fazendo tudo nos conformes: você pediu pra mãe dela deixar ela sair com a gente, irão no cinema na parte da tarde, aposto que ficam conversando até tarde no celular. É fofo!

— Você está se divertindo com isso, não é?

— Estou, não vou negar – concordei. – É uma fase gostosa da vida.

— Vai tomar seu banho, vou conversar com ele sobre essa saída, dar o dinheiro dos ingressos e já volto para ficar quietinha do seu lado na cama, tendo o nosso momento fofo.

— Eu já dei dinheiro a ele. Do ingresso, pipoca, lanche, o que ele quiser. Não fala nada.

— Sério?! Bom, não vou falar nada. Não vou interferir na sua relação com Fabiano, afinal, vocês também estão se construindo.

— Eu quero fazer de tudo por ele, assim como quero fazer por você. É a minha família, nossa família.

— Família Dorian! – riu Vitória ao me beijar. – Ainda assim quero falar com ele, sobre boas maneiras de como tratar uma mulher.

— Isso é importante. Eduque um homem, não um bosta qualquer.

Vitória concordou com um sorriso e saiu do quarto, em direção ao quarto do filho. Eu fui para o closet pegar um pijama confortável e fiquei analisando o espaço que tinha, e o pequeno lugar onde Vitória tinha arrumado suas coisas. Peguei um lado e tirei tudo do lugar, jogando de qualquer jeito em cima da ilha. Esvaziei gavetas e um lado da sapateira, deixando espaços iguais para nós duas. Quando Vitória voltou ao quarto, parou na entrada do closet, com uma interrogação estampada no rosto.

— Isso é hora de arrumar o closet, Jordana?!

— Não estou arrumando, estou esvaziando – expliquei puxando-a pela mão. – Essas partes vazias são suas, para suas coisas.

— Jordana...

— Eu já abri espaço pra você na minha vida, mas dizem que só é formal a partir do momento em que se tem espaço no guarda-roupas.

— Boba! Não preciso de tudo isso.

— Claro que precisa! Tem outra coisa também – guiei-a até o cofre. – A senha é zero-seis-doze-cinquenta e nove. Ai dentro tem dinheiro, cartões, algumas joias. Em um caso de emergência, você já sabe onde estão os recursos para resolver.

— Creio que não vou precisar.

— Nunca se sabe.

— Nós vamos ficar bem. Tudo ficará bem.

E ficou, realmente. Naquela semana, não tive mais aplicações de quimio e retornei somente na semana seguinte. Dessa vez, meu corpo reagiu mais rápido, apresentando o mal-estar. Vitória permaneceu firme ao meu lado, sempre cuidando para que nada me faltasse. Com a quarta aplicação, já senti a queda em meu cabelo e optei por cortar logo, para não me martirizar com aquilo. Enquanto meus cabelos iam se amontoando no chão, Vitória ficou olhando pra mim, com um sorriso permanente nos lábios. Eu não merecia uma mulher tão linda e forte como ela. Não tinha feito nada de relevante ao mundo para ser merecedora da grandiosidade daquela mulher.

— Você continua linda! – ela falou, assim que o cabelereiro deu por encerrado seu trabalho.

— Não precisa tentar me animar com isso. Estou parecendo o kojak.

— Sua boba! Você é linda pra mim, por dentro, por fora, de qualquer jeito.

— Eu não te mereço – expressei em voz alta o que estava pensando. – Eu não fiz nada de bom nessa vida para merecer uma mulher incrível como você.

— Fez sim. Assim que chegarmos em casa, vou enumerar tudo o que já fez de bom, mas posso adiantar que, dentre todas as coisas boas que faz, você transforma vidas através de sua arte. Inspira pessoas a ver a beleza do mundo através de seus olhos.

— Eu te amo – falei pela primeira vez.

— Eu também te amo e sempre vou te amar, não importa sua aparência, ok?

Me limitei a beijá-la. Se tinha algo bom naquela doença, esse lado bom era ter encontrado Vitória.

As semanas se transformaram em meses. Contava o tempo entre as aplicações das drogas e idas ao médico para um controle do tumor que estava em remissão. Se por um lado, era bom, por outro, meu corpo estava sucumbindo. Mesmo com os esforços de Kelly, Carmem e Vitória, de manter minha alimentação balanceada, emagreci consideravelmente e minhas forças se esvaíram, com a anemia que me atingiu em cheio. Já não achava tão constrangedor vomitar perto de Vitória, ou passar mal. Ela, com uma calma infinita, cuidava de mim e, aos poucos, foi tomando conta da casa também. Ia na sua residência apenas para ver alguma coisa, mas eram visitas rápidas. Sua mãe estava tomando conta de lá. Já havia falado duas vezes para ela liberar aquela casa, que não precisava mais ficar pagando o aluguel, mas ela fora irredutível.

Fabiano também crescia como artista. Já fazia primorosas obras, sempre com um olhar afiado. Me confidenciou que estava pintando e guardando, pois me queria no lançamento da sua primeira exposição. Havia confirmado também que estava namorando com Mirela, coisa que já sabíamos, mas agora era oficial.

— Precisamos fazer um jantar aqui para conhecer a família de Mirela – falei a Vitória. – Podemos fazer isso em um sábado à noite.

— Um jantar para conhecer a família da namorada do meu filho – suspirou Vitória. – Vamos fazer isso direito, não é?

— Temos que fazer.

Achei que Fabiano ficaria contra a ideia, mas ele aceitou de pronto. Ligou para Mirela e ela também aceitou a ideia, só tinha que falar com os pais. No final do dia, ele confirmou que eles aceitavam. Marcamos para o final de semana seguinte.

No dia combinado, Fabiano estava nervoso. Ele conhecia os pais de Mirela apenas de vista e, daquela vez, teriam um contato maior. Me arrumei com uma calça social e uma camisa. Na cabeça, coloquei um lenço e Vitória o ajeitou para mim. Ela também estava linda, deslumbrante em um vestido branco. Quando o relógio marcou sete e quinze, o porteiro ligou, informando a chegada da família.

— Vamos? – chamei Vitória, esticando a mão na sua direção.

— Que Deus me ajude!

Vitória e eu seguimos para a sala, onde Fabiano já tinha recebido os pais os irmãos e a própria Mirela. Os cumprimentei com um sorriso, indicando os sofás para que eles se sentassem. Eram jovens, mais ou menos a minha idade. Mirela era filha mais velha, agora com quinze anos e os irmãos, não daria mais que seis e oito anos a eles. Todos se sentaram, inclusive Fabiano e Mirela, de mãos dadas. Por um segundo senti que estávamos em 1910.

— Eu não quero cometer nenhuma gafe, então serei direta – falou Bruna, mãe de Mirela. – Vocês duas formam um casal, é isso?

— Sim – Vitória confirmou. — Estamos juntas há sete meses.

— Formam um casal muito bonito – disse Rodrigo. – Eu já tinha te pesquisado na internet, quando Mirela falou que era pintora, é bom saber que nossa filha está se envolvendo com pessoas do bem.

— Fabiano é um artista também – falei com orgulho. – É meu pupilo na arte. Pinta quadros divinos! Depois nós vamos ao estúdio para conhecer seu trabalho.

— Quero ver mesmo! – confirmou Bruna sorrindo para o garoto.

— Quando essa menina me disse que estava namorando, eu quase tive um infarto. Novinha demais!

— Mas é bom que seja nas nossas vistas, não é? – falou Vitória ao meu lado. – Melhor do que fazer coisas erradas escondidos.

— Sim, sem contar que ficam se arriscando pela rua, sabe-se Deus por onde. Prefiro assim, dentro de casa – reforçou Bruna.

— Eu vou pegar as bebidas, fiquem à vontade – anunciei, me levantando.

À noite, que prometia ser tensa, foi leve e descontraída. Os pais de Mirela eram super tranquilos e não encrencaram, em momento algum, conosco ou Fabiano. Tivemos um jantar agradável e os levei para conhecer as pinturas de Fabiano. Já era onze e meia da noite quando se despediram, depois de marcarmos um churrasco na casa deles.

— A noite foi ótima! – falei quando fiquei sozinha com Vitória. – Os pais de Mirela são incríveis!

— São ótimos mesmo. Gostei deles. São gente boa.

— Sim – respondi enlaçando Vitória. – Agora preciso descansar, estou exausta.

— Descanse bem esse final de semana. Na segunda você tem retorno com Gabriel.

— É. Vamos ver como anda meu amiguinho encefálico.

— Tenho certeza que terá boas notícias. Carol já disse que, dependendo do resultado, já começa o espaçamento nas aplicações de quimio. A remissão continua indo bem.

— Cinco meses de quimio. É tempo demais!

— E você está saindo desse tempo vitoriosa, pode ter certeza!

Abracei Vitoria e a conduzi até o banheiro. Coloquei a hidro para encher, enquanto nos despíamos. Assim que ficou completa, entrei na água e senti ela relaxar contra meu corpo, apoiando sua cabeça em meu ombro. Tudo estava perfeito. Nada poderia estragar minha felicidade.

Capítulo 14 – Clichê Demais

Mais uma vez estava sentada no consultório do doutor Gabriel. Depois de tantos meses, parecia que aquele lugar tinha se transformado em uma segunda casa, de tanto que já estava familiarizada com tudo. Ele conversava com Vitória, explicando coisas sobre o meu tratamento e, como sempre, eu havia desligado. Pensava na semana seguinte, que seria aniversário de Vitória. Já tinha falado com Pâmela, queria algo que fosse extraordinário, não menos que isso.

— Jordana? – me chamou Gabriel, me encarando.

— Desculpe. O que foi?

— Nós vamos mudar sua dosagem. Eu conversei com Ana Carolina e o resultado dos seus exames...

Continuei encarando-o, mas desliguei outra vez. Talvez uma viagem com Vitória fosse uma boa pedida. Alguma praia no Nordeste ou uma exploração na Amazônia. Um pouquinho de frio no Sul ou trilhas por algum parque estadual. Jalapão seria uma boa pedida. Mudei de ideia no mesmo momento em que cogitei tudo aquilo. Minha condição de saúde não permitia aventuras daquele tipo, visto que ainda estava muito debilitada por causa da quimioterapia. Precisava de algo criativo, algo que desse para fazer em um lugar seguro.

— ... É isso.

— Tudo bem – concordei com um aceno.

— Não está feliz? – perguntou Gabriel curioso.

— Essa notícia é maravilhosa, linda! – exclamou Vitória sorridente, me depositando um beijo no rosto.

— Claro que estou – respondi, sincera. – Meu tumor foi diminuído em noventa por cento, posso voltar a ter uma vida tranquila sem uma bomba relógio na cabeça prestes a explodir. Mas a dinamite ainda está aqui dentro. Ele pode voltar a crescer.

— Pode, mas para isso faremos um acompanhamento contínuo, vamos monitorá-lo. Ele pode não crescer mais. Cuidamos com a rádio, para que não se espalhasse, e as células cancerígenas...

Um jantar especial em lugar especial, esse já era um dos pontos. Vitória com certeza iria gostar de alguma coisa assim, mas não era tudo. Podia dar um carro pra ela. Ela não possuía um, mas tinha carteira de motorista. Seria bem mais prático também para ela, que poderia ir para onde quisesse, sem ficar me falando sobre seus passos, quando Marcelo a levava. Vitória não parecia se incomodar com isso, mas para mim, era como se estivesse invadindo sua privacidade. Era isso, um jantar, um carro e um pedido de casamento. Já tinha ponderado várias vezes em fazer aquele pedido no seu aniversário, mas tinha contato com a possibilidade de ela me falar um não. Nossa relação já era praticamente um casamento, Pâmela havia me dito que era quase impossível ela me falar um não, mas ainda assim tinha um leve medo de que a data, que era para ser de felicidade, se tornasse num episódio de constrangimento.

— Está bom assim, pra você, Jordana? – tornou a perguntar Gabriel me trazendo para o consultório.

— Está ótimo. Obrigada doutor.

Me despedi do médico e sai com Vitória para a recepção. Assim que entramos no elevador, Vitória deu um sorriso na minha direção e um beijo apaixonado em meus lábios.

— Eu disse que tudo daria certo! – exclamou feliz. – Você vai superar essa doença maldita!

— Me parece mais real agora – respondi sincera, apertando-a em meus braços. – Parece que saí de um pesadelo!

— Vencemos! – comemorou Vitória. – Você venceu!

— Vencemos!

Saí do hospital e seguimos direto para casa. Naquela tarde, Vitória já tinha informado que iria para a casa da mãe, para resolver um problema com ela, algo relacionado a aposentadoria que não entendi muito bem. Assim que ela saiu, fui para o estúdio, atrás de Fabiano.

— Hoje não vamos estudar – anunciei ao vê-lo preparando uma paleta de tintas. – Vamos comprar o presente de aniversário da sua mãe e você vai me ajudar a escolher um.

— Ih, Jordana! Minha mãe gosta de tudo. Tá pensando em dar o que pra ela?

— Um carro.

— Putz! – exclamou o garoto. – Ela vai ficar louca.

— Acha que é um bom presente?

— É claro! O melhor de todos!

Sorri para o garoto e seguimos para o computador, ver alguns modelos. Depois de escolher a marca e modelo, procuramos a concessionária mais próxima e chamei um táxi para nos levar até lá. Levamos uma hora e meia para concluir todo o trâmite de compra e pedi que fosse entregue no apartamento, na manhã do aniversário. O passo seguinte foi ir para uma joalheria, atrás do anel com o qual a pediria em casamento. Já tinha visto o tamanho do seu dedo, em um anel que tinha comprado para ela em um dos nossos passeios no shopping. Perguntei a Fabiano uma opinião sobre o modelo, mas ele se limitou a dar ombros, dizendo que eram quase todos iguais. Na minha concepção, eram totalmente diferentes.

— Eu vou pedir sua mãe em casamento – expliquei enquanto a vendedora nos apresentava o catalogo. Ela me olhou com a surpresa estampada no rosto, mas não falou nada. Fabiano também me olhou abrindo os braços.

— Vocês já estão casadas. Já moramos na sua casa.

— É diferente, Fabiano. É um pedido bonitinho, oficial. Casamento de papel passado.

— Você não vai me fazer levar as alianças até o altar, não é? Nem precisa contar comigo!

— Claro que não – ri com sua suposição. – Ainda não pensei no casamento, mas será algo diferente, não aquela coisa quadradinha.

— Faz em uma galeria só com os seus quadros em exposição. Acho que fica bacana.

— Tá ai! É uma boa! – concordei. – Podemos fazer uma recepção bem íntima.

— Por aí.

— Está certo. Vou levar essa daqui – falei para a vendedora. – Estará pronta até terça que vem?

— Sim. Na segunda feira.

Concordei com um sorriso e saímos da loja, depois de vinte minutos. Ainda passamos para comer, antes de voltarmos ao apartamento com a noite já ocupando o lugar do dia.

Vitória voltou para casa já era oito horas da noite. Não questionei sua demora, mas ela mesma explicou que tinha ficado até tarde para ajudar a mãe com alguma coisa. Naquele restante de semana, tive mais uma aplicação da quimioterapia, agora com a mudança na dosagem das drogas. Ainda sentia meu corpo fraco e frágil, de tantas drogas que havia recebido durante o tratamento, mas estava confiante: a pior fase já havia passado.

Um dia antes do aniversário de Vitória, sai com Fabiano novamente para que ele pudesse escolher o presente da mãe. Informei que ele podia escolher qualquer coisa, mas o garoto foi contido, optou por um perfume e uma bolsa. Na quarta, acordei primeiro que Vitória e sai do quarto em silêncio, indo para a cozinha, pegar o café da manhã para levar na cama para ela. Deixei a bandeja sobre o recamier e subi na cama, entrando embaixo dos lençóis novamente e a abracei, depositando delicados beijos em seu pescoço, ombro e rosto para despertá-la.

— Bom dia! – sussurrou, preguiçosa, se aconchegando mais contra meu corpo.

— Bom dia! – respondi, envolvendo-a em meus braços. – Bom dia, meu amor. Feliz aniversário!

— Humm Obrigada!

Vitória se virou na cama e busquei seus lábios em um beijo.

— Que você sempre tenha o melhor que a vida possa lhe proporcionar! Eu te amo!

— Obrigada, amor! Também te amo! Obrigada por estar comigo nesse dia tão especial!

— Hoje você será cuidada do início ao fim e não quero reclamações.

— Vou adorar receber seus mimos – ela riu, enquanto me enchia de beijinhos.

— Primeiro, o café da manhã.

Me soltei do corpo de Vitória e levantei para pegar a bandeja de café. A morena abriu um sorriso lindo na minha direção, enquanto se acomodava para comer. Passamos a hora seguinte tomando café, trocando beijos e mimos. Depois de um banho, saímos do quarto e nos acomodamos na sala, esperando a chegada de Fabiano do colégio. O veículo já tinha sido entregue, informação me

passada discretamente por Pâmela. Iria esperar Fabiano chegar da escola para podermos entregar juntos. Assim que ele chegou nos sentamos à mesa para o almoço. Percebia que Vitória estava curiosa, jogando para saber se tinha presentes, mas fingi não entender, da mesma forma que Fabiano.

— Vamos fazer algo fora? – perguntei depois da refeição. – Podemos ir no cinema ou parque, o que acham?

— Eu acho uma boa ideia – concordou Fabiano, que já sabia do meu plano.

— Ótimo! Podemos ir sim – Vitória também assentiu.

Com a anuência de ambos, saímos do apartamento em direção a garagem. Entreguei a chave do carro para Vitória, assim que saímos do elevador.

— Você pode dirigir? Eu pedi para Marcelo cuidar de um assunto e não estou com os reflexos bons para pegar no volante.

— Posso, só vou pegar minha carteira de motorista. Deixei no apartamento.

— Está dentro de uma bolsa branca, no seu quarto – falou Fabiano, que tinha escondido a carteira da mãe de propósito.

— Olha vocês me enganando!

— Vamos até o carro, vou esperar nele para não ter que voltar.

— Vamos, quero ir buscar meu presente!

Vitória concordou e andei para a vaga onde o veículo estava. Percebi que ela não tinha notado a marca do veículo na chave, diferente do carro que possuía. A morena abriu um sorriso quando viu o carro com um laço vermelho em cima.

— Vocês estão brincando! – ela falou se virando para nós. – É sério isso?

— Alguém vai ganhar um carro de aniversário! – brinquei. – Que sorte dessa pessoa!

— Ai que besta! É sério?! – tornou a perguntar Vitória sem esconder o sorriso.

— Seu presente, amor. Parabéns! Fabiano me ajudou a escolher.

Vitória não conteve um grito de felicidade antes de me abraçar e depositar um beijo nos meus lábios. Ela também abraçou o filho, antes de ir para o carro, analisando-o atentamente.

— Caramba, Jordana! Você é maluca?!

— Por você – concordei. – Gostou?

— Se eu gostei?! Eu amei! Uau!

Fiquei olhando, satisfeita, enquanto Vitória rodeava o carro de um lado para o outro. Abriu o veículo e analisou todo seu interior, ainda com uma feição boba, realmente não acreditando que tinha ganhado, isso estava bem claro no seu rosto. Estava feliz por poder proporcionar aquele momento a ela.

— Nunca, nem em sonho imaginei um carro assim! Obrigada, linda! Obrigada de verdade! Obrigada filho! Vocês dois tem um excelente gosto!

— Agora vai pegar sua carteira, vamos dar uma volta com ele.

Vitória concordou na mesma hora e saiu rápida, em direção ao elevador. Fabiano e eu tiramos o laçarote que envolvia o veículo, jogando-o no porta malas. Nos acomodamos dentro dele para esperar Vitória voltar.

— Acho que ela gostou – sorri para o garoto através do espelho retrovisor.

— Até eu gostei! Imagina ela!

Sorri para Fabiano e ajeitei o lenço na cabeça. Em pouco tempo Vitória apareceu, entrando no banco do motorista.

— Adorei o perfume, a bolsa! São lindos! – agradeceu, exibindo a bolsa. – Obrigada filho!

— Não é um carro, mas tá valendo, né?

— Com certeza! Preciso de uma bolsa chique para andar num carro chique! – Ela riu. – Quero ir para um lugar. Vamos na casa da minha mãe?

— Sério? – foi minha vez de ficar surpresa.

Ainda não tinha conhecido a mãe de Vitória pessoalmente. Depois do início do meu tratamento, havia falado com ela algumas vezes por telefone, mas não me sentia preparada para encarar a sogra. Fabiano, nesse quesito, tinha tido mais coragem que eu.

— Vamos – concordei, por fim.

Vitória agradeceu com um sorriso e começou a mexer nos comandos do carro, para conhecê-lo. Eu comecei a suar frio ao seu lado, me preparando para o que viria a seguir. Quando a morena se sentiu segura, ligou o veículo e saímos para o trânsito. Ela ainda fez

algumas barbeiragens, antes de conseguir pegar o controle total do carro.

Chegamos no antigo bairro de Vitória depois de quarenta minutos. Assim que ela parou na frente da casa da mãe, respirei fundo, antes de sair do veículo. Vitória e Fabiano já estavam me esperando na calçada.

— Como você é frouxa, Jordana – riu Fabiano – Minha avó não morde!

— Se soubesse quanto tempo faz que passei por isso! – suspirei.

A mulher de meia idade apareceu depois de alguns minutos. Nunca antes havia ficado tão tímida como naquele momento. Ajeitei o lenço, nervosamente, enquanto ela abraçava Vitória, lhe desejando os parabéns.

— Então você é Jordana! Já ouvi muito a seu respeito.

— É um prazer conhece-la, senhora – fui cordial.

— Ana, somente – ela respondeu. – Seja bem-vinda!

— Obrigada.

— Olha, mãe! – exclamou Vitória. – Ganhei de aniversário! Jordana e Fabiano escolheram!

— Que carrão, hein?!

Fiquei mais afastada, enquanto Vitória exibia seu presente com um gigante sorriso em seu rosto. Entramos na sala e me acomodei no sofá, enquanto Ana ia atrás de sucos para nós. Assim que ela voltou, direcionou um copo na minha direção.

— Vitória disse que está vencendo o câncer, não é? Sempre te apresento nas minhas orações.

— Obrigada – agradei. – Eu... Na verdade eu estou viva hoje porque Vitória me convenceu a fazer o tratamento.

— Seria uma estupidez não fazer, não é? Você é jovem, tem tanto chão pela frente ainda!

— Sou um pouco cabeça dura – concordei com um discreto riso.

— Também está orientando Fabiano. Esse quadro foi ele que me deu...

Passei uma boa parte da tarde conversando com a mãe de Vitória e a tensão de conhece-la se esvaiu no ar. Como Fabiano havia dito, a mulher não mordia.

— Vamos, linda? Ainda tem algumas surpresas.
— Outras? O que é? – perguntou Vitória curiosa.
— Se eu falar, deixa de ser surpresa, não é?
— Eu vou ficar com a vó – falou Fabiano. – Amanhã, depois da aula, eu vou pra casa.
— Tá bom, filho. Qualquer coisa me liga, tá bom?
— Pode deixar.
— Comece a pensar sobre se desfazer daquela casa, Vitória – ouvi Ana ao se despedir da filha. – Já vi que não volta pra cá.

A resposta de Vitória não escutei, mas vi seu aceno de cabeça em sentido positivo. Me despedi de Ana, que também tinha suas recomendações.

— Eu sei que está cuidando bem da minha filha e do meu neto. Continue sempre fazendo isso.

— Farei, com toda a certeza!

Sai para a rua e logo estávamos em movimento em direção ao apartamento. Assim que chegamos, ficamos namorando por algum tempo, até pedir que ela fosse se arrumar para o nosso jantar. Também me arrumei, com um conjunto social e a esperei enquanto terminava de se maquiar. Não pude deixar de babar pela linda morena, trajada num vestido de discretas flores, que apareceu na entrada do closet.

Peguei sua mão e saímos em direção ao restaurante de um amigo e cliente. Na entrada, fomos recepcionadas pela hostess que nos guiou até nossa mesa.

— Chegamos cedo assim? – estranhou Vitória. – Ainda não tem ninguém.

— Não seremos incomodadas por ninguém hoje – expliquei, enquanto nos sentávamos.

— Você fechou o restaurante?!

— É uma rara extravagância. A ocasião merece.

Vitória sorriu e deu um aperto na minha mão, enquanto o sommelier se aproximava para indicar a bebida. Uma música suave de fundo nos acompanhava naquele momento mágico. O chef e dono do lugar, apareceu para nos cumprimentar e felicitar Vitória. Depois foi a vez do garçom tirar nosso pedido.

— Eu estou ficando muito mal-acostumada com você! – brincou Vitória, sorridente por causa do vinho.

— Quero que fique! Você faz parte do meu mundo, como faço do seu.

A refeição chegou, entre trocas de carinhos e palavras gentis. Somente no final, veio nossa sobremesa, devidamente preparada como havia pedido ao chefe, coberta com um cloche. O garçom se afastou, e Vitória destampou seu prato, revelando somente o anel. Ela me olhou, e já pude ver que começava a se emocionar.

— Eu sei que tudo isso é clichê demais, mas não consegui pensar em algo mais original e o tradicional me pareceu uma boa pedida – falei enquanto via uma lágrima rolar em seu rosto. Diante do seu silêncio, continuei, me levantando para abaixar ao seu lado pegando sua mão. – Quer casar comigo?

Capítulo 15 – Lembre-se Que é Mortal

O sorriso de Vitória estava congelado no rosto, enquanto tentava secar as lágrimas. Ela concordou com a cabeça, talvez emocionada demais, e me beijou apaixonada. Sequei seu rosto, com o sorriso permanente na face e peguei o anel, colocando em seu dedo. Resgatei o meu, de dentro do bolso da calça, e entreguei para que ela colocasse em meu anelar.

— Eu te amo – ela me disse, depositando um beijo em minhas mãos. – Eu quero ficar o resto da minha vida com você.

— O tempo que nos for permitido – concordei. – Eu te amo demais. Você foi a minha tábua de salvação, meu sopro de vida num momento em que havia desistido de tudo. Eu não seria ninguém sem você. Obrigada por me manter forte, não me fazer desistir. Você e Fabiano são minha família, meus bens mais preciosos.

— Eu vou chorar de novo – ela sorriu, sem conter outra lágrima. – Eu sempre vou fazer de tudo por você. Não importa o que seja. Minha linda! Minha vida!

Nos beijamos apaixonadas e terminamos nosso jantar em um clima extremamente romântico. Já em casa, a amei intensamente, externando em ações tudo o que meu coração estava sentindo. Pela primeira vez me senti transbordando amor, cuidado, carinho. Vitória havia ocupado um lugar que nenhuma outra mulher tinha chegado, tinha se instalado na minha mente, no meu corpo e no meu coração. Eu tive que ter um câncer para que ela viesse até mim, eu tive que ficar frágil, desiludida, entregue para que ela me salvasse.

Nos dois meses seguintes, tivemos grandes momentos de felicidade. Fabiano passou no colégio, depois de anos comemorei meu aniversário com amigos e, agora, família. Meu cabelo voltou a crescer com a redução da dose da medicação e já apresentava uma espessa camada negra na minha cabeça. Mas de todos esses eventos, o melhor foi na primeira semana de Dezembro, quando Gabriel me liberou do tratamento. Ainda tinha que continuar fazendo acompanhamento e exames a cada seis meses, mas meu tumor

estava estagnado, pequenino e com pouquíssimas chances de voltar a crescer.

— Eu não preciso mais me preocupar de morrer em seis meses? — perguntei, sem conter a lágrima que rolou pelo meu rosto.

— Não — sorriu Gabriel. — Nós vencemos!

Vitória me abraçou apertado, também sem conter as próprias lágrimas. Ela sabia, de cor e salteado, tudo o que eu tinha passado, da mesma forma que eu sabia o que ela tinha enfrentado naquele ano ao meu lado. Não tinha sido fácil para nós duas. Havíamos nos conhecido num período crítico, onde somente o amor que sentíamos poderia nos manter unidas e ele manteve, nos deu força para não fraquejar diante de um caso tão grave quanto o meu. Dei um beijo apaixonado nos seus lábios, antes de agradecer a Gabriel todo o empenho que ele tinha tido. Há treze meses tinha saído daquele consultório com uma sentença de morte e agora saía com uma promessa de vida. E eu iria aproveitá-la ao máximo.

Naquela noite me reuni com amigos, incluindo Ana e os pais de Mirela para comemorar minha alta. Brindamos ao futuro, aos planos que tinha, a tudo o que ainda iria aproveitar.

No final de ano fomos para Paris. Eu tinha prometido a Fabiano, meses antes, que o levaria para conhecer os mestres e cumpri minha palavra. Pedi a autorização para Bruna e Rodrigo para levar Mirela conosco, o que foi concedido sem problemas. Recebemos as recomendações normais, de pais preocupados que eram, mas garanti que não sairiam de nossas vistas e, de fato, não saíram. Vitória ainda argumentou de nos hospedarmos em um quarto com todas as camas, mas dei um discreto riso da sua suposição.

— Amor, eles já transam — falei puxando-a contra meu corpo. — Você acha que em todas as noites que Mirela dormiu em casa eles ficaram jogando videogame?

— Eu sei que eles transam. Até já conversei com Fabiano sobre isso, mas...

— Sem “mas”. Só relaxa, tá bom?! Só precisamos conversar com Bruna, quando voltarmos, para saber se Mirela já faz algum acompanhamento ginecológico, se toma algum método contraceptivo.

— Eu vou perguntar para ela.

— Melhor, assim fica relaxada.

Paris foi perfeita. De todas as vezes que já tinha estado na cidade, inclusive morado, anos antes, aquela era, sem dúvidas, minha melhor visita. Passamos uma semana na cidade, explorando os museus, pontos turísticos e palácios próximos. Apesar de ser inverno na Europa, não estava nevando e, foi a primeira vez que vi Vitória me pedir algo, diretamente, sem rodeios.

— Eu quero ver neve. Podemos ir para a Suíça ou precisa de visto?

— Não precisa. Só as documentações normais que já temos.

— E nós vamos? – perguntou toda animadinha.

— Vamos. Vamos ver um hotel nos Alpes, é o melhor lugar para ficar.

— Você já foi lá?

— Já. Quando morei aqui e em Roma. Sempre procurava viajar quando podia.

Vitória concordou com a cabeça e no dia seguinte seguimos viagem. Esquiamos, nos encantamos com as paisagens de tirar o folego e aproveitamos momentos únicos em frente a lareira.

Já era noite quando desembarcamos de volta a São Paulo. Bruna e Rodrigo estavam no aeroporto, esperando a volta da filha. Tinha sido a primeira vez que Mirela havia viajado sem eles e dava para perceber como estavam ansiosos com sua volta. Nos despedimos no aeroporto mesmo e voltamos para o apartamento. Viajar sempre foi uma das minhas paixões, mas a volta para casa era sempre um dos melhores momentos.

— Eu vou retomar meu trabalho, da forma como preciso, me dedicando à arte – anunciei quando ficamos sozinhas. – Eu preciso fazer uma nova exposição. Tenho que conversar com Munhoz sobre isso.

— Será ótimo pra você, amor. Retomar suas atividades vai lhe fazer bem – concordou Vitória me beijando. – Eu quero falar algo com você, eu sei que não se oporia, mas é importante que pense sobre isso, antes de me responder com um “tudo bem, amor”.

— Ok – concordei, curiosa. – O que foi?

— Eu quero voltar a estudar. Eu vou pegar um plantão, algo de noite e estudar durante o dia.

— Pensa em fazer o que?

— Medicina. Eu nunca pude antes, por causa do Fabiano, das minhas contas, mas já tenho trinta e um ano. Não posso adiar mais.

— Isso é maravilhoso, amor. Nunca é tarde para voltar a estudar, mudar de profissão. Você será uma excelente médica!

— Eu também vou entregar a casa onde morava.

— Já devia ter feito isso. Está pagando aluguel lá à toa, há meses.

— Não fica brava, mas eu segurei até que tivesse totalmente bem. Eu tinha um medinho de que estivesse comigo só porque estava doente e quando se curasse ia embora.

— Caramba – suspirei com aquela revelação. – Não deixei claro o quanto te amo e quanto quero você na minha vida pra sempre?

— Deixou, mas no fundo ainda tinha essa insegurança. Uma mulher linda, bem-sucedida, inteligente. Me pergunto até hoje o que viu em mim.

— Já te enumerei algumas vezes. Linda, determinada, batalhadora e, além de todas essas qualidades, ainda faz um amorzinho gostoso!

— Boba! – riu Vitória me dando um tapa no braço. – Eu te amo.

— Eu também, linda. Não duvide, em momento algum do que sinto por você.

— Não vou mais. Nunca mais.

No dia seguinte fomos até a casa onde Vitória residia e ela verificou as coisas que queria manter. Praticamente todas as suas coisas pessoais já estavam em casa e sua mãe escolheu os móveis que queria ficar e doar para uma amiga que estava precisando. No final do dia, e exaustas, voltamos para casa que agora era oficialmente nossa casa.

— Amor, pensei em fazer nosso casamento em Junho, o que acha?

— Acho que acabei de ficar nervosa – ela me respondeu, me encarando. – Sério?

— Bom, você tinha aceito, no seu aniversário.

— É que... sei lá, é tão...

— E a nossa lua de mel será nas Bahamas. Já escolhi nosso destino.

— Minha opinião nem conta, não é? – ela riu.
— Claro, linda, desculpe. Para onde quer ir?
— Quero ir para Bahamas.
— Boba!
— Eu vi uma foto de uma praia, uma vez, de um lugar chamado Eleuthera. É um lugar que eu disse que iria algum dia.
— E é na Bahamas?
— Sim.
— Então é para lá que vamos – falei com um sorriso. – Mas você vai casar comigo em Junho?

— Quer pergunta! Claro que sim! Tem muita coisa que precisamos planejar! Onde vai ser, como vai ser. Um tema, apesar de ser tudo quase a mesma coisa, mas tem que ter um diferencial...

Vitória continuou falando e entrei na sua empolgação com sua preparação para o nosso casamento. Passamos os meses seguinte planejando tudo, ajeitando nossa vida, fazendo planos. Convenci Vitória a não trabalhar a noite e se dedicar totalmente aos estudos. Ela começou um curso para se preparar para o vestibular no ano seguinte e eu retomei meu trabalho, com um companheiro extremamente competente, que era Fabiano. Ele também estava fazendo quadros muito bons que já estavam sendo elogiados pelo circuito de artes, e se preparava para sua primeira exposição, no final daquele ano. Planejei, com Munhoz, para que ele tivesse a melhor exposição de todas. Ele seria um dos mais jovens artistas a fazer uma recepção e eu estava extremamente orgulhosa dele. Era meu filho, e mesmo que não tivesse participado do seu crescimento, antes dos quatorze anos, participava agora e, independente do tempo, ele era meu filho.

O tempo passou sem que eu desse conta. Conclui uma coleção de pinturas que foi exposta em Londres, a primeira vez e, mais uma vez, viajamos para a Europa, para a vernissage. A noite foi um sucesso todos os quadros foram muito elogiados. Acompanhei, depois, as críticas que sempre pontuavam que estava mais inspirada. E estava mesmo. Minha inspiração sempre estava do meu lado, sorrindo, me transmitindo uma força que nem imaginava ter.

Junho chegou e com ele meu casamento. Com trinta e nove anos, achei que não ia ficar nervosa, visto que já morava com Vitória, mas estava tensa. Com tudo. Havíamos contratado uma empresa que cuidou da decoração da galeria, um buffet de um restaurante sofisticado, músicos, fotógrafos, mas eu estava muito nervosa. Não queria que nada desse errado. A cerimônia aconteceria na galeria onde tinha feito minha primeira exposição e os quadros que enfeitariam o ambiente, eram os de Fabiano. O conceito era um vernissage com suas obras, apresentando-as aos principais nomes da arte que estariam entre os convidados. Da parte de Vitória, todos os seus amigos haviam confirmado presença, amigos que agora também eram meus.

— Tem certeza que estou bem, Pâmela? – perguntei pela milésima vez ao ajeitar a delicada blusa do conjunto completado por uma calça. – Estou me sentindo tão estranha!

— Você está linda, Jordana! Nunca te vi assim, tão radiante!

— Eu estou com as tripas saindo pela boca de nervosismo! É só um casamento, não devia estar sentindo isso! – falei ajeitando um fio teimoso de cabelo que caia sobre meus olhos.

— Você está ótima! Não fique preocupada!

Respirei fundo e saí do quarto, em direção ao quarto de Fabiano. Ele estava terminando de colocar um casaco por cima da camisa. Vitória também estava se arrumando em casa: tinham pego o outro quarto e transformado em um salão, onde eu era terminantemente proibida de entrar.

— Está pronto, Fabiano?

— Estou. Só passar um perfume.

— Mirela vai com os pais?

— Vai, vamos nos encontrar na galeria.

— As alianças... As alianças...

— Estão comigo, Jordana. Relaxa. Estou até te achando estranha com todo esse nervosismo.

— Eu vou casar com sua mãe. Isso já é motivo o suficiente para ficar nervosa.

— Eu sei que vai casar com minha mãe. Eu aprovei esse casamento.

Dei um sorriso na direção de Fabiano e o puxei para um abraço. Em quase dois anos, ele havia crescido, estava mais alto que eu, e mais amadurecido. Já estava até com um resquício de barba naquela cara lisa.

— Eu prometo que vou fazer ela feliz – falei ao depositar um beijo no seu rosto.

— Eu sei que vai.

Fomos interrompidos por Pâmela, que entrou no quarto informando que Vitória já estava pronta. Ainda fui no espelho, uma última vez e ajeitei os cabelos, que agora já haviam crescido num tamanho Chanel e saí para a sala. Esperei por alguns minutos até ver Vitória surgir no mesmo ambiente, linda em um vestido comprido e todo solto, ombro a ombro. Seus cabelos negros estavam presos parcialmente, deixando a parte atrás completamente solta. Confesso que nunca tinha visto ela tão linda daquele jeito. Me adiantei e peguei sua mão, depositando um beijo nelas.

— Pronta para dar início ao resto da sua vida?

— Completamente pronta! Você está linda, amor.

— Você que está deslumbrante.

— Depois vocês continuam com essas juras de amor – interrompeu Ana. – Vocês têm que ir para a galeria para não se atrasar.

Estiquei minha mão e puxei Vitória para a porta. Descemos em direção à garagem e o carro já nos aguardava. Ao ver Vitória, meu nervosismo sumiu como fumaça, e a única coisa que predominava era a vontade de ter logo aquela mulher como minha esposa, oficialmente.

Na galeria, desci junto com Vitória e nos preparamos para entrar. Quando finalmente tivemos nossa entrada liberada pela profissional que estava organizando a cerimônia, enxerguei todos os amigos ali presente. Sorriu para eles antes de caminhar em direção ao meu futuro. Um futuro que eu havia desistido, mas que Vitória tinha me pego pela mão e me levantado e me guiado em direção à felicidade.

Nossa lua de mel foi mágica. Um sonho acordadas. Fabiano ficou no apartamento mesmo, Ana ficou com ele durante nossa viagem para que ele não parasse de pintar durante nossa ausência. Em Bahamas, seguimos direto para Eleuthera e ficamos sete dias

curtindo as praias paradisíacas. No oitavo dia, partimos para Miami, onde ficamos por mais uma semana, conhecendo a cidade, que nem eu mesma conhecia. Combinamos de retornar com Fabiano, quando fosse um bom momento.

Eu poderia descrever todos os anos de felicidade que tive com Vitória, mas não creio que isso seja necessário quando falamos em felicidade. Ela tem que ser vivida, intensamente, como fiz. Cada minuto, cada segundo, porque nunca temos certeza de quando pode acabar. Eu tive que enfrentar a morte para saber dar valor a vida que tinha, para permitir que uma pessoa como Vitória entrasse em minha vida. Construímos uma bela família com direito a natais com a mesa cheia, festas de aniversários e muitas viagens. Fiquei emocionada quando Fabiano fez sua primeira exposição, com dezessete anos e com dezoito já figurava como uma forte promessa no mundo da arte. Fiquei emocionada quando Vitória passou na faculdade de medicina e, mais ainda, na sua formatura. Novamente experimentei uma sensação que nunca pensei que teria, quando Fabiano anunciou que Mirela estava grávida. Os dois tinham vinte e quatro anos e vinte e três anos, respectivamente, o que quase matou Vitória do coração, mas de minha parte, achava bonitinho. Ainda achava precoce serem pais tão cedo, mas dado a relação deles, desde os quinze anos, não acreditava que se separariam por tão cedo. Pelo contrário, era como se fossem feitos um para o outro. Eram nove anos de relação, já dava para saber se se amavam ou não. Pra mim, o amor deles era tão sólido quanto o meu e de Vitória.

O tumor continuou em minha cabeça, não sumiu de vez, como torcia para que acontecesse, mas também não cresceu, como temia. Era somente o lembrete da minha mortalidade, independente da arte. Memento Mori – lembre-se de que é mortal.

Fim.